



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

BRUNO RODRIGUES CLAUDINO

**CARACTERIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR NO DISTRITO DE
GRAVATÁ EM SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE-PB: UM OLHAR GEOGRÁFICO**

**CAJAZEIRAS/PB
2024**

BRUNO RODRIGUES CLAUDINO

**CARACTERIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR NO DISTRITO DE
GRAVATÁ EM SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE-PB: UM OLHAR GEOGRÁFICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Formação de Professores, Campus Cajazeiras, com a finalidade de obtenção do título de Graduado no referido Curso.

Orientador (a): Profa. Dra. Mara Edilara Batista De Oliveira

Linha de Pesquisa: Geografia Agrária

**CAJAZEIRAS/PB
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

C615c	<p>Claudino, Bruno Rodrigues. Caracterização da agricultura familiar no Distrito de Gravatá em São João do Rio do Peixe - PB: um olhar geográfico / Bruno Rodrigues Claudino. – Cajazeiras, 2024. 93f. : il. Color. Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Mara Edilara Batista de Oliveira. Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2024.</p> <p>1. Agricultura familiar. 2. Distrito de Gravatá -Município - São João do Rio do Peixe - Paraíba. 3. Produção e circulação de mercadorias. 4. Produção de hortaliças e leguminosas. 5. Agricultor familiar - Programas de Assistência. 6. Geografia agrária. 7. Vida camponesa. I. Oliveira, Maria Edilara Batista de. II. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS</p>	CDU – 631.115.11
-------	--	------------------

BRUNO RODRIGUES CLAUDINO

**CARACTERIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR NO
DISTRITO DE
GRAVATÁ EM SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE-PB: UM OLHAR GEOGRÁFICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Formação de Professores, Campus Cajazeiras, com a finalidade de obtenção do título de Graduado no referido Curso.

Orientador (a): Profa. Dr^a. Mara Edilara Batista De Oliveira

TCC aprovado em: 19 / 04 / 2024

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Mara Edilara Batista De Oliveira (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
Unidade Acadêmica de Geografia

Documento assinado digitalmente



RODRIGO BEZERRA PESSOA
Data: 17/05/2024 17:58:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Unidade
Acadêmica de Geografia



Prof. Me. Matheus Gouveia
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Unidade
Acadêmica de Geografia

Dedico esta conquista, primeiramente, a Deus por me conceder a essência da vida, e a sabedoria para chegar até aqui. Aos meus avós: Zilda (in memória) e Chico (in memória), que desde o princípio dedicaram-se a mim com muito amor. A minha esposa Myrelle que, mesmo dentro de seus limites, esteve sempre ao meu lado, apoiando e dando força para que eu pudesse chegar até aqui. Aos meus filhos: Yuri e Yohanna, que são minhas maiores fontes de inspiração. Aos meus pais: Francineide e José Claudino, por me trazerem ao mundo e estarem sempre buscando o melhor para mim. Aos meus sogros: Dery e Lirismar, pessoas que tenho um grande carinho, e que sempre estão presentes, apoiando-me.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo consentimento da vida, por me dar a sabedoria para a realização desta pesquisa, me dando força durante toda essa trajetória, não me deixando fraquejar diante das dificuldades.

A minha orientadora, Prof^a Dr^a Mara Edilara Batista de Oliveira, por ter acreditado e confiado em mim, sou grato pelos seus ensinamentos e suas orientações que foram de fundamental importância para a execução deste trabalho, pela sua dedicação e atenção que sempre teve comigo.

A minha esposa Myrelle e aos meus filhos: Yuri e Yohanna, por sempre estarem comigo durante essa trajetória, servindo de inspiração para que eu nunca desistisse dos meus ideais.

Ao meu cunhado Erivelton, uma figura de extrema importância para mim, por sempre acreditar e confiar em minha pessoa.

Aos meus amigos Jailson, Melquisedeque e Jean, amigos que a UFCG me apresentou para a vida, pessoas a quem tenho grande consideração, que sempre que possível me ajudaram de alguma forma.

Aos agricultores familiares do Distrito de Gravatá, que de forma bem amistosa me receberam em suas casas e em seus roçados, com muita atenção e carinho. Sendo que suas colaborações foram de grande relevância para a realização desta pesquisa.

Aos membros da banca, o Prof. Dr Rodrigo Bezerra Pessoa e ao Prof. Me. Matheus Gouveia, por aceitarem o convite e por estarem dando suas contribuições para a conclusão deste ciclo formativo.

A Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), ao curso de Geografia, e todos os professores (as) que me proporcionaram com seus ensinamentos a oportunidade de enxergar o mundo através da geografia.

E por fim, a todos que deram sua contribuição para a realização dessa pesquisa, seja de forma direta ou indireta, sou muito grato a todos pelos ensinamentos e ajudas que recebi ao longo dessa caminhada em campo. Obrigado!

“A coragem é o que nos faz dar o primeiro passo em direção aos nossos sonhos” (*Autor desconhecido*).

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso contribui e recebe contribuições do campo da Geografia Agrária, dando ênfase à produção e forma de vida camponesa, no Distrito de Gravatá, em São João do Rio do Peixe-PB. Diante disso, o nosso objetivo foi caracterizar a agricultura familiar e sua dinâmica de produção e comercialização na comunidade de Gravatá. Percebemos desde o interesse inicial dessa pesquisa que não existiam informações disponíveis em torno da produção da agricultura familiar de comunidades camponesas como a do Gravatá, mesmo essa produção sendo visivelmente bastante significativa. Talvez essa ausência de dados aconteça de forma intencional, pois é uma produção que subverte o modelo do grande capital, baseado na produção de *commodities*. Dessa forma, a nossa contribuição a partir da Geografia é a produção e análise desses dados da produção da agricultura familiar na comunidade do Gravatá. Para chegarmos a tais informações, realizamos um estudo de campo, no qual analisamos os dados por meio de métodos quantitativos e qualitativos. Aplicamos um questionário, junto às famílias da comunidade, organizado com trinta questões, o que nos permitiu compreender a realidade existente na região conhecida como Terra da Verdura (Gravatá). Diante dessa investigação, concluímos que a agricultura familiar, presente no Distrito de Gravatá dispõe de uma ampla estrutura física, e a sua dinâmica de produção e comercialização encontra-se direcionada para as feiras livres regionais, onde 62% dos agricultores comercializam seus produtos nessas feiras. Com relação à produção destacamos a macaxeira, batata-doce, coentro e alface como os alimentos mais produzidos em nosso campo de estudo. A exposição dessas informações encontram-se organizadas em gráficos, mapas e imagens expostos ao longo deste trabalho. Dessa forma, acreditamos estar contribuindo com a visibilidade da produção de alimentos de qualidade que chega às nossas mesas todos os dias, ou seja, a produção da agricultura camponesa de base familiar.

Palavras-chave: Agricultura familiar; Distrito de Gravatá; Produção e circulação de mercadorias.

ABSTRACT

This dissertation contributes to and draws from the field of Agrarian Geography, with a focus on the production and lifestyle of peasant farming in the *Gravatá District, São João do Rio do Peixe-PB*. Accordingly, our objective was to characterize the dynamics of production and commercialisation in family agriculture within the *Gravatá* community. From the outset of this research, it was evident that there was a lack of available information concerning the production of family agriculture in peasant communities such as *Gravatá*, despite its clearly significant output. This data deficiency may be intentional, as such production challenges the large-capital model based on commodity production. Thus, our contribution from the perspective of Geography is the generation and analysis of data on family agricultural production in the *Gravatá* community. To obtain this information, we conducted a field study, analysing data through both quantitative and qualitative methods. We administered a questionnaire to community families, consisting of thirty questions, which enabled us to understand the existing realities of the region known as *Terra da Verdura (Gravatá)*. Our investigation concluded that the family agriculture present in the *Gravatá* District has a robust physical infrastructure, and its production and commercial dynamics are directed towards regional open markets, where 62% of farmers sell their products. Notable produce includes cassava, sweet potato, coriander, and lettuce, which are the most cultivated in our study area. This information is organized in graphs, maps, and images throughout this paper. Hence, we believe this work contributes to the visibility of quality food production that reaches our tables daily, that is, the production of family-based peasant agriculture.

Keywords: Family agriculture; *Gravatá* District; Production and circulation of goods.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Polígono das Secas 21

IMAGENS

Imagem 1 – Estação Ferroviária de São João do Rio do Peixe-PB 26

Imagem 2 – Vista Aérea do Centro do Distrito de Gravatá, SJRP 27

Imagem 3 – Vista Ampla do Distrito de Gravatá. São João do Rio do Peixe-PB 29

Imagem 4 – Rio Piranhas/Açu 30

Imagem 5 – Rio Piranhas/Açu no Período de Estiagem de 2013 a 2018 31

Imagem 6 – Micro Aspersão em Plantação de Coentro e Alface no Distrito de Gravatá, SJRP
33

Imagem 7 – USF - Maria Zilda Rodrigues dos Santos, no Distrito de Gravatá, SJRP 36

Imagem 8 – EMEIEF. CEL JACOB GUILHERME FRANTZ, Distrito de Gravatá, SJRP 37

Imagem 9 – Escola Estadual Augusto Afonso de Carvalho, Distrito de Gravatá, SJRP 38

Imagem 10 – Igreja de São Francisco, Centro do Distrito de Gravatá, SJRP 39

Imagem 11 – Capela de Nossa Senhora de Fátima, Distrito de Gravatá, SJRP 40

Imagem 12 – Igreja Batista de Gravatá 40

Imagem 13 – Ginásio Poliesportivo Francisco Rodrigues de Sousa. Distrito de Gravatá, SJRP
41

Imagem 14 – Plantação de Coentro (cheiro verde), no Distrito de Gravatá, SJRP 45

Imagem 15 – Plantação da Alface na Comunidade de Gravatá SJRP 46

Imagem 16 – Plantação de Cebolinha/Cebola de Fio na Comunidade de Gravatá SJRP 47

Imagem 17 – Plantação de Milho em Consórcio com Abóbora no Distrito de Gravatá SJRP 47

Imagem 18 – Plantação de Macaxeira no Distrito de Gravatá, SJRP 49

Imagem 19 – Feiras Livre da Cidade de Sousa-PB 57

Imagem 20 – Feira Livre da Cidade de Cajazeiras-PB 57

Imagem 21 – Feira Livre de São João do Rio do Peixe-PB 58

Imagem 22 – Motocultivador 70

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tipos de Irrigação Presente no Distrito de Gravatá, SJRP.	32
Gráfico 2 – População do Distrito de Gravatá, SJRP	36
Gráfico 3 – Alimentos Oriundos da Agricultura Familiar no Distrito de Gravatá, SJRP	43
Gráfico 4 – Produção semanal de Coentro e Alface no Distrito de Gravatá, SJRP	44
Gráfico 5 – Produção de Macaxeira e Batata Doce, Janeiro - Junho (2023). Gravatá, SJRP	48
Gráfico 6 – Origem das Téc. Produção e Comercialização de Produtos Agrícolas-Gravatá	51
Gráfico 7 – Tipos de Comercializações Utilizadas Pelos Agricultores Familiares-Gravatá	55
Gráfico 8 – Destino da Produção da Agricultura Familiar do Distrito de Gravatá, 2023	56
Gráfico 9 – Transporte Utilizado na Transposição de Produção Agrícola. Gravatá, SJRP.	60
Gráfico 10 – Presença Nas Feiras Livres Regionais	61
Gráfico 11 – Tempo de Comercialização em Feira Livre	62
Gráfico 12 – Agricultores Inseridos na Agricultura Familiar do Distrito de Gravatá	64
Gráfico 13 – Número de Pessoas Por Família, no Distrito de Gravatá, SJRP.	64
Gráfico 14 – Colaboração da Família Nas Atividades Agrícolas, em Gravatá, SJRP.	65
Gráfico 15 – Famílias Com Acesso à Educação dos Filhos, no Distrito de Gravatá, SJRP	66
Gráfico 16 – Condição do Agricultor Em Relação à Propriedade Rural. Gravatá, SJRP	67
Gráfico 17 – Área Utilizada Para Cultivo no Distrito de Gravatá	68
Gráfico 18 – Uso de Agrotóxico, no Distrito de Gravatá, SJRP.	68
Gráfico 19 – Uso De Mecanização Agrícola, no Distrito de Gravatá, SJRP.	69
Gráfico 20 – Condição do Agricultor com relação aos implementos Agrícolas	71
Gráfico 21 – Famílias Integradas aos Programas de Assistência ao Agricultor Familiar	73
Gráfico 22 – Programas De Assistência à Agricultura Familiar	74
Gráfico 23 – Melhorias no Campo por Meio das Políticas de Governo	75

MAPAS

Mapa 1 – Localização das Áreas de Pesquisa	9
Mapa 2 – Localização do Município de São João do Rio do Peixe-PB	23
Mapa 3 – Localização: Distritos Umarí e Brejo das Freiras. São João do Rio do Peixe/PB	24
Mapa 4 – Limites dos Municípios com São João do Rio do Peixe/PB	25
Mapa 5 – Localização do Distrito de Gravatá. São João do Rio do Peixe-PB	27
Mapa 6 – Organização Espacial do Distrito de Gravatá. São João do Rio do Peixe-PB	34
Mapa 7 – Divisão Geográfica do Distrito de Gravatá. Gravatá/Roça Grande	35
Mapa 8 – Fluxo da Produção Agrícola do Distrito de Gravatá	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGF	Agricultor Familiar
CAF	Cadastro Nacional da Agricultura Familiar
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INPE	Instituto Nacional de Pesquisa Espacial
IPCC	Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
PAA	Programa da Aquisição de Alimentos
PNAE	Programa Nacional de Alimento na Escola
PRONAF	Programa Nacional da Agricultura Familiar
SJRP	São João do Rio do Peixe
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
USF	Unidade de Saúde da Família

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 AGRICULTURA FAMILIAR	12
1.1 AGRICULTURA FAMILIAR EM UMA PERSPECTIVA DE BRASIL	14
1.2 AGRICULTURA FAMILIAR EM UMA ESCALA REGIONAL, NORDESTE	19
1.3 SÃO JOÃO DE RIO DO PEIXE-PB: AGRICULTURA FAMILIAR E SUA PRODUÇÃO	23
2 A TERRA DA VERDURA: O DISTRITO DE GRAVATÁ E SUA DINÂMICA ESPACIAL	27
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO: A ORIGEM DO DISTRITO DE GRAVATÁ	28
2.2 ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO DISTRITO DE GRAVATÁ	33
3 PROCESSO DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO NA TERRA DA VERDURA: O DISTRITO DE GRAVATÁ	43
3.1 PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS E LEGUMINOSAS NO DISTRITO DE GRAVATÁ	50
3.2 LOCAL DE PRODUÇÃO: CONHECENDO AS TÉCNICAS BÁSICAS UTILIZADAS PARA A CULTIVO	51
3.3 PROCESSO DE COMERCIALIZAÇÃO: DOS ALIMENTOS DE ORIGEM DA AGRICULTURA FAMILIAR NO DISTRITO DE GRAVATÁ	53
3.4 CARACTERIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR NO DISTRITO DE GRAVATÁ.	63
3.5 PROGRAMAS DE ASSISTÊNCIA AO AGRICULTOR FAMILIAR PRESENTE NO DISTRITO DE GRAVATÁ	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICES	81

INTRODUÇÃO

Percebemos desde o interesse inicial dessa pesquisa uma ausência de dados em torno da produção e circulação de alimentos oriundos da agricultura familiar em todo o Brasil. Notamos, com a tentativa de levantamento de dados secundários, em sites oficiais como o do IBGE, que os dados disponíveis estão muito distantes da real produção da agricultura familiar em comunidades rurais em todo o país. Isso ficou ainda mais evidente quando tentamos levantar dados secundários da produção de alimentos da comunidade do Gravatá, localizada em São João do Rio do Peixe, a qual é conhecida na região como “A Terra da Verdura”, justamente pela grande produção que sai dessa comunidade para toda a região. Quando não eram totalmente inexistentes, os dados encontrados parecem aos nossos olhos muito inferiores ao que estávamos vendo no decorrer dos trabalhos de campo realizados no início da nossa pesquisa junto à comunidade.

Dessa forma, a princípio, a nossa pesquisa aborda como tema a caracterização da agricultura familiar no Distrito de Gravatá, em São João do Rio do Peixe-PB, dando visibilidade a produção e circulação de seus produtos. Sendo o nosso objetivo geral caracterizar e analisar a dinâmica espacial dessa produção de alimento oriunda da agricultura familiar no Distrito de Gravatá. Para isso tivemos como objetivos específicos: identificar como a agricultura familiar se destaca como produtora de alimentos na região; compreender como funciona os meios de produção e de comercialização na comunidade; conhecer a estrutura de funcionamento das atividades de manejo do solo, utilizada na produção de frutas, hortaliças e leguminosas na comunidade; coletar dados e informações em geral em torno da produção da agricultura familiar na Terra da Verdura.

Sobre a produção da agricultura familiar no Brasil é perceptível que, com o apoio de políticas públicas, ela vem ganhando força e transformando a vida do camponês, proporcionando às famílias créditos rurais que vem dando suporte à produção de alimentos, e trazendo uma melhor qualidade de vida no campo, evitando que essas famílias migrem para os grandes centros.

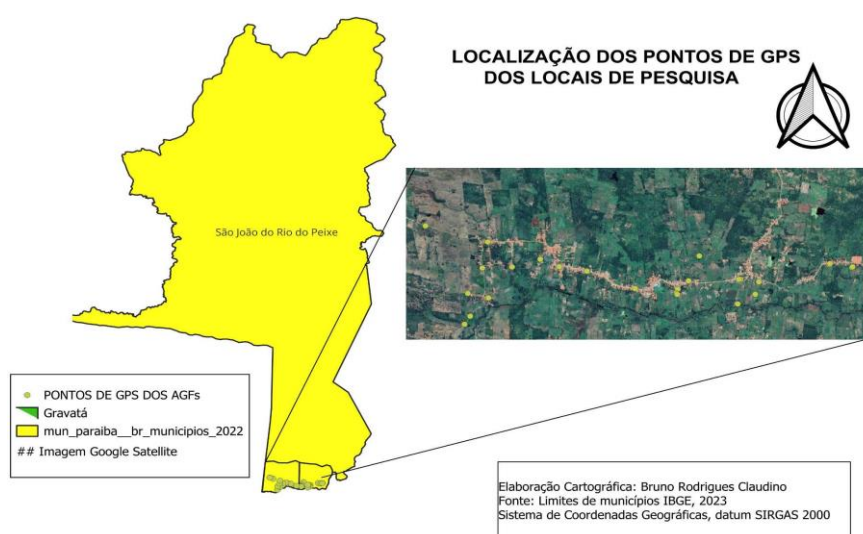
A agricultura familiar se caracteriza por ser uma atividade realizada por membros da mesma família, tendo sua origem no campesinato. Hoje, no Brasil, essa agricultura é responsável por grande parte da produção de alimentos, ou seja, exerce um papel de extrema relevância, representando 76% dos estabelecimentos rurais do País, segundo o IBGE. Essa produção vem fortalecendo a economia no campo, de forma sustentável. O espaço rural passa, então, a ser um local onde os traços de uma agricultura tradicional são atrelados a novas

técnicas, fazendo uma junção de costumes antigos com ideias inovadoras, proporcionando assim uma agricultura mais produtiva. A agricultura familiar é, portanto, a principal fonte dos alimentos que são comercializados em feiras livres de todo o país, tornando assim o pequeno produtor como protagonista deste meio de comercialização bem peculiar na região Nordeste.

O campo de estudo que iremos investigar, encontra-se localizado na região Nordeste, mas especificamente no Semiárido paraibano, em uma região onde os fatores naturais acabam dificultando o cultivo em determinada época do ano, fatores estes relacionados a longos períodos de estiagens e escassez hídrica vinculados aos baixos índices pluviométricos.

Para a realização de nossa pesquisa, traçamos objetivos que foram citados anteriormente, e para chegar a tais objetivos, desenvolvemos um questionário organizado em trinta questões, sendo vinte e duas questões objetivas e oito abertas. Desta forma, o questionário foi aplicado junto às famílias produtoras de alimentos em nossa área de pesquisa, ou seja, do Distrito de Gravatá, encontrando-se organizado em 465 famílias, destas, 302 são de agricultores familiares. Para a aplicação desse questionário, utilizamos de uma divisão geográfica adotada pelos habitantes locais, onde no setor oeste da comunidade fica a área do Gravatá, e ao leste a área de Roça Grande. Dentro destes dois setores colhemos a mesma quantidade de amostras, ou seja, em cada setor foram aplicados quinze questionários, e para a identificação destes agricultores utilizamos a abreviação AGF- Agricultor Familiar, sendo que os AGF de 01 a 15 ficam localizados na porção oeste, o Gravatá, e de 16 a 30 na porção leste, Roça Grande. Na ida a campo foi coletado o ponto de GPS de cada AGF que respondeu ao questionário, como mostra a representação cartográfica a seguir.

Mapa 01: Localização da área de pesquisa, pontos de GPS.



Fonte: Base cartográfica do IBGE, SIRGAS 2000. Adaptado pelo autor, 2024

Vale lembrar que as questões abertas inseridas no questionário nos proporcionaram um breve diálogo com os agricultores, possibilitando-nos conhecer melhor a realidade local. As questões foram as seguintes: se esse produtor rural se enquadra nos critérios da agricultura familiar? Como estão organizadas essas famílias? Com que frequência os filhos ajudam nas tarefas do campo? Quais produtos são produzidos ali? Isso também nos permitiu conhecer de forma bem ampla as características dessas famílias de agricultores e de como está organizado o nosso campo de estudo, a comunidade de Gravatá.

Outras questões levaram-nos a conhecer também o potencial produtivo do Distrito de Gravatá, os alimentos de origem da agricultura familiar e as formas como são comercializados, são elas: A forma como são comercializados? Quais os principais destinos de seus produtos? Como esses produtos são transportados até seu destino final? Qual a quantidade de alimentos que são cultivados em determinados períodos? Ademais, destacamos que essas e outras questões nortearam-nos até o nosso objetivo geral, que é conhecer as características do agricultor familiar presente em nosso campo de estudo o Distrito de Gravatá, local esse que predomina a agricultura de subsistência desenvolvida pelas famílias que ali residem, sendo uma área que tem um grande potencial produtivo, abastecendo vários municípios ao seu redor com hortaliças, frutas e legumes, sendo bem comum a presença de agricultores/ feirantes do Gravatá nas feiras livres das cidades adjacentes, comercializando os alimentos produzidos na comunidade.

Para a realização de nosso estudo, foram necessárias algumas etapas ao longo de sua realização, iniciando por uma busca teórica para melhor compreender o tema; levantamento bibliográfico, e levantamento histórico da comunidade de Gravatá, através dos moradores mais antigos; trabalho de campo; aplicação de questionários, e entrevistas com os agricultores locais.

Assim sendo, esta monografia encontra-se organizada em três capítulos: no primeiro capítulo construímos uma abordagem teórica da agricultura familiar, trazendo seus conceitos por visões de diferentes autores e buscando compreender como essa modalidade de agricultura ganhou visibilidade diante das políticas de Governo, proporcionando segurança alimentar para toda a população, e compondo programas de combate à fome e pobreza no Brasil. Também recuperamos neste primeiro capítulo a relação intrínseca entre campesinato e agricultura familiar, compreendendo que a agricultura familiar é um dos pilares da forma de vida do camponês, essa figura forte e resistente que sempre se reinventa para solucionar as necessidades do cotidiano. Distribuídos em subcapítulos que apontam agricultura familiar em uma perspectiva de Brasil, destacando a sua origem e também problemas agrários presentes

ao longo de sua história, que tem suas complexidades com relação a má distribuição de terras. Como se configurou esse sistema agrário desde o seu princípio, marcado por diversos conflitos territoriais acompanhados de muita violência contra o campesinato e os seus povos de origem, vinculado à falta de fiscalização por parte dos órgãos governamentais, ou seja, a ausência do governo na organização do espaço agrário brasileiro. Em seguida discutimos esta agricultura familiar em escala regional, trazendo a sua origem na região Nordeste do Brasil, que surge através da criação da então Lei da Terra, assim como ficou conhecida, partindo deste pressuposto houve um fortalecimento do pequeno agricultor nordestino, que mesmo diante de uma região que apresentam fatores naturais que dificultam o cultivo da terra, esse camponês mostra que é destemido e resistentes às intempéries naturais, permanecendo no campo. Aqui também discutimos sobre o polígono das secas, que foi uma demarcação desenvolvida pela SUDENE, criada com intuito de melhorar a convivência do homem do campo em regiões semiáridas, como é o caso de grande parte do Nordeste, inclusive, nosso campo de estudo o Distrito de Gravatá que fica localizado no município de São João do Rio do Peixe. Também exibimos uma abordagem voltada para nossa área campo de estudo, na qual mostramos esta agricultura familiar presente no município de São João do Rio do Peixe, destacando seu potencial agrícola como também um pouco de sua história. Dentro deste contexto salientamos que o município de São João do Rio do Peixe dispõe de uma grande área territorial, onde a maior parte desse território é eminentemente rural, transformando assim o município em um dos grandes produtores de alimentos de origem da agricultura familiar da região.

No segundo capítulo discutimos sobre a dinâmica espacial do Distrito de Gravatá: onde está localizado, a sua organização e infraestrutura física, econômica e cultural, também o seu contexto histórico, ou seja, como se deu a origem da terra da verdura, trazendo dados e imagens que permitem uma breve compreensão do nosso campo de estudo. Vale ressaltar que ele está localizado no extremo sul do município de São João do Rio do Peixe, ficando no limite com o vizinho município de Nazarezinho, onde o Rio Piranhas separa os dois municípios, o Distrito de Gravatá encontra-se ladeado de comunidades rurais, ao sul os sítios Estaca Cortada e, Tabuleiro Redondo, ao norte os sítios Bebedouro e Poço Verde, a leste o sítio Goiabeira e a oeste o sítio Bálamo.

Em nosso terceiro e último capítulo, expomos dados de nossa pesquisa de campo, no qual, trazemos na íntegra, uma caracterização dessa agricultura familiar predominante no Distrito de Gravatá, diante do processo de produção e comercialização, com a ilustração de

gráficos, mapas e imagens, destacando os dados coletados em campo. Por fim, as nossas considerações finais, nela apresentamos um resumo conclusivo de nossas atividades.

1 AGRICULTURA FAMILIAR

A agricultura familiar é um termo bem recente que se deriva do campesinato que de acordo com Wanderley (2014)

O campesinato corresponde a uma forma social de produção, cujos fundamentos se encontram no caráter familiar, tanto dos objetivos das atividades produtivas voltados para as necessidades da família, quanto do modo de organização do trabalho, que supõe a cooperação entre os seus membros. A ele corresponde, portanto, uma forma de viver e de trabalhar no campo que, mais do que uma simples forma de produzir, corresponde a um modo de vida e a uma cultura (Wanderley, 2014, p. 1).

De acordo com a definição do campesinato podemos observar que a presença da família na organização do espaço agrário é algo de grande importância, tornando assim as atividades no campo um meio de sobrevivência. Outro ponto que vale ser destacado é quem são esses camponeses que dão origem ao então agricultor familiar de hoje, entre eles estão os trabalhadores rurais, quilombolas, sem-terra, o vaqueiro dentre outros grupos sociais que habitam o meio rural. Desta forma podemos dizer que o camponês é todo sujeito vive no campo, resistindo a esse modelo urbano privilegiado pela sociedade capitalista. Cabe ressaltar que a resistência e a habilidade de se ajustar são características do camponês, assim como destacou Shanin (1980),

[...] as comunidades camponesas demonstram uma real habilidade para se ajustar a novas condições e também uma grande flexibilidade para encontrar novas formas de se adaptar e ganhar a vida. Em alguns lugares, há comunidades de camponeses que hoje vivem principalmente do turismo. Há lugares onde as comunidades camponesas ganham a vida com novos métodos de produção e, em outros, os camponeses ganham a vida por meio da combinação do trabalho camponês e do trabalho não-camponês (Shanin, 1980, p. 24-25).

Partindo dessa capacidade de se adaptar do camponês a determinadas situações, é possível compreender como o homem do campo se reinventa para conseguir o sustento de sua família. Temos, como exemplo, o nosso campo de estudo, localizado em uma região semiárida onde os recursos hídricos são limitados, o que leva os agricultores a buscarem métodos de irrigação que fazem uso racional da água, a perfuração de poços.

De acordo com Shanin (1980),

[...] concluir que a resposta do campesinato às situações de crise às quais eles são submetidos é sobretudo complexa e eles não ficam esperando que alguém traga a solução. As soluções encontradas para o problema de como permanecer camponês e assegurar a subsistência da família costumam ser muito flexíveis, inventivas e criativas. Camponeses têm provado ser extremamente resilientes e criativos em situações de crise e não há uma forma simplista para descrever isso (Shanin, 1980, p. 25).

Dentro deste contexto, mostra que o camponês não depende de ações externas para os problemas do cotidiano no campo, fazendo uso de ideias próprias que possam solucionar os problemas existentes. Com relação a fatores econômicos, é a partir dele que começamos a chamar esse camponês de agricultor familiar, por se tratar das políticas de governo, onde exige um cadastro chamado de CAF (Cadastro Nacional da Agricultura Familiar) que tem como finalidade atender as necessidades do agricultor familiar, ou seja, é a porta de entrada do agricultor nos programas de assistência a agricultura familiar disponibilizados pelo governo, incentivando a produção e a comercialização de alimentos vindo do pequeno produtor rural.

A agricultura familiar, por sua vez, desempenha um papel de grande relevância, relacionada à segurança alimentar, tem sua origem no campesinato e ganha maior visibilidade nas atuais políticas de Governo. Desde o primeiro Governo Luiz Inácio Lula da Silva, então presidente do Brasil, a agricultura familiar passou a ser entendida no Brasil como a solução para o combate à pobreza e à fome no país. Frente a isso, ela vem proporcionando com sua dinâmica uma nova paisagem no espaço rural, processo esse que foi possibilitado por um pacote de ações governamentais direcionados para a área. Essas políticas vêm proporcionando uma série de programas que fortalecem o pequeno agricultor, tais como: o Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF), o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), e o Programa Nacional de Alimento na Escola (PNAE). Eles propõem uma nova dinâmica à agricultura familiar e, conseqüentemente, à produção de alimentos no país.

Alves (2006) destaca o principal objetivo e função desses programas em relação à agricultura familiar:

Os programas para agricultura familiar querem fazer crescer o excedente que cada família produz para ser comercializado, como um dos caminhos para aumentar sua renda e bem-estar. Ou seja, admite-se que existe uma solução na agricultura para o problema da pobreza rural (Alves, 2006, p. 3).

Diante dessas ações, que vem proporcionando à agricultura familiar uma melhor qualidade de vida e o aumento da produção, já é possível ver mudanças significativas no espaço rural. A força do trabalho familiar passa a ter uma função significativa para os meios

de produção no campo. De acordo com Alves (2006) no caso do Brasil, 80% da força de trabalho no espaço rural é desenvolvida pelas famílias camponesas que são compostas por vaqueiros, sem terras, quilombolas, entre outros grupos sociais que habitam as áreas rurais. Entretanto, vale lembrar que mesmo diante das ações governamentais, com a criação de programas que auxiliam o agricultor familiar, ainda há uma grande falta de assistência para o camponês e para o agricultor familiar, pois nem sempre os programas chegam até as famílias que realmente necessitam.

Para Alves (2006), a agricultura familiar tem a necessidade do suporte de programas governamentais que possa lhes auxiliar no manejo de suas atividades agrícolas, isso porque, mesmo com pouca área a ser cultivada, a agricultura familiar consegue manter a terra em atividade exercendo seu papel social, devido à mão de obra familiar disponível, mas cabe lembrar que o nível de mecanização é consideravelmente baixo. Diante disso, Alves quer dizer que é necessário,

Dar acesso à mecanização é muito importante para a agricultura familiar, de modo que possa explorar toda a área, além de realizar as operações agrícolas na hora certa, com precisão e menos sofrimentos. Sem a mecanização, a tecnologia que faz diretamente cada hectare produzir mais não revela todo seu potencial (Alves, 2006, p.3).

Dentro de uma perspectiva inovadora é possível compreender que a agricultura familiar tem seu potencial, mas é de fundamental importância o crédito rural, que proporciona aos produtores rurais uma maneira mais fácil de cultivar a sua terra e, mantê-la produtiva, exercendo seu papel social. Com relação a forma como destaca Alves(2006) o suporte do crédito rural desempenha um papel importante na agricultura, pois financia a aquisição de insumos agrícolas, de equipamentos modernos para dar suporte ao agricultor familiar para um melhor cultivo.

Com tudo isso, se faz necessário aprofundar a discussão em torno da agricultura familiar no Brasil, destacando a sua origem e qual o seu papel diante da produção do espaço rural. Logo, elencamos as contribuições que a agricultura familiar desempenha na região Nordeste de nosso País, como ela vem sendo desenvolvida, e quais as problemáticas encontradas ao decorrer de sua trajetória.

1.1 AGRICULTURA FAMILIAR EM UMA PERSPECTIVA DE BRASIL

Para termos um melhor entendimento sobre a agricultura familiar no Brasil, é importante compreender a questão agrária do nosso país, que desde a sua colonização veio convivendo com situações bem complexas, tais como: a concentração de terras, a produção de *plantations*, hoje convertidas em *commodities*, sendo essa hoje a frente do agronegócio, os conflitos territoriais e a violência contra o campesinato e povos originários, entre outros fatores, que por sua vez proporcionaram grandes problemas fundiários ao País. Quando nos deparamos com a história fundiária no Brasil, ou seja, a forma de distribuição e acesso à terra, verifica-se que desde o princípio o processo de distribuição foi desigual, isso perdura desde o período colonial, desencadeando problemas fundiários de grandiosos.

Primeiro foram as capitâneas hereditárias e seus donatários, depois foram as sesmarias. Estas são frutos da herança colonial quando a terra era doada pela Coroa aos membros da corte. Essa desigualdade se deu pela forma como essas terras eram doadas para os seus donatários, muitas das vezes o cidadão não ficava satisfeito com a porção doada a ela, muitas das vezes reivindicavam mais terras e colocava em nome de sua mulher, em outros casos as terras eram doadas como prêmio a cidadãos por feitos militares, considerando a forma como foi distribuída essas terras, é possível enxergar o porquê do problema agrário no Brasil (Teixeira, 2008, p. 481).

Em virtude da má distribuição de terras no Brasil, essa desigualdade fez com que surgissem algumas atividades ilegais com relação à aquisição de terras, como é o caso da grilagem, atividade essa que é bem comum em diversas regiões do País, sendo mais frequente nas regiões Norte e Centro-oeste, por se tratar de regiões onde existem grandes reservas de terras indígenas, e sem uma fiscalização adequada dos órgãos governamentais acaba por proporcionar tais atividades ilegais. Vasconcellos (2020), define o grileiro como:

Um proprietário privado que se apossa das terras devolutas (terras públicas sem destinação) e/ou de terras de terceiros. Esta apropriação envolve a criação de documentos falsos, de onde provém o termo grilagem, já que os documentos eram engavetados com grilos para dar uma aparência de antigos (portanto, mais verossímil) pelo amarelado que os detritos do animal deixam no papel e pelos desgastes que os animais provocam no mesmo (Vasconcellos, 2020, p. 2).

Essa atividade é realizada por grandes latifundiários, fazendeiros, madeireiros e pecuaristas que, por sua vez, falsificam as escrituras das propriedades por eles invadidas e as tornam legais diante do governo. Esse processo atingiu e atinge ainda hoje os pequenos agricultores e nossos povos originários, que por meio desses documentos falsificados pela grilagem, são expulsos de forma violenta de suas terras de direito.

Fruto desse processo contraditório de formação do espaço agrário, a agricultura familiar no Brasil hoje é composta por uma grande diversidade de sujeitos: indígenas,

quilombolas, povos tradicionais, sitiantes, rendeiros, sem-terra etc. Essa agricultura pode ser considerada como um conjunto de atividades agrícolas, onde o trabalho e a gestão são de dominação da entidade familiar que, por sua vez, desenvolvem e organizam suas atividades com a presença da família, produzindo tanto para a subsistência como também para o comércio local.

Dentro deste contexto, Abramovay (1998), destaca três pontos que compõe o estabelecimento da agricultura familiar, sendo eles:

O estabelecimento familiar, pode ser composto por três quesitos básicos: primeiro os membros estão relacionados por parentesco ou casamento; segundo a propriedade dos negócios é usualmente combinada com controle gerencial e por fim o controle é transmitido de geração para outra dentro da mesma família (Abramovay, 1998, p.122).

Sendo assim é possível identificar que a agricultura familiar é uma atividade agrícola muito antiga, que é passada de geração para geração em diversas formações de sociedade. A agricultura realizada pela família tem sua origem desde o período neolítico, o que proporcionou um processo de produção coletiva e, de forma pioneira, essa coletividade emerge, mediante a um ininterrupto processo de mudanças técnicas e de organização. Partindo destes pressupostos, a Agricultura Familiar passa a ser algo pertinente na história das civilizações. No caso do Brasil, esse tipo de agricultura está presente desde a sua colonização, logicamente que ela sofreu modificações não só com relação ao seu entendimento e seus conceitos, mas também nos meios de produção.

Segundo Abramovay e Piketty (2005), a expressão agricultura familiar é de uso recente no vocabulário científico, governamental e das políticas públicas no Brasil. Os termos empregados até uns 10 anos atrás, como pequena produção de baixa renda, de subsistência, agricultura não comercial, revelam o tratamento dado a esse segmento social e o seu destino presumível: era encarado como importante socialmente, mas de expressão econômica marginal, e o seu futuro já estava selado pelo próprio rumo do desenvolvimento capitalista.

Segundo destacou Altafin (2007), para chegar à delimitação conceitual da agricultura familiar, foram traçadas diversas vertentes, destacando apenas duas: a primeira que considera a moderna agricultura familiar como uma nova categoria, que surge do centro das transformações experimentadas pelas sociedades capitalistas; e uma segunda vertente, que entende que a agricultura familiar brasileira passa a expor um caráter evolutivo, com grande relevância nas raízes históricas.

Entre essas concepções, deve-se considerar que a agricultura familiar moderna, como levanta a segunda vertente por ela exposta, não se desprende das tradições camponesas, ou seja, não há uma quebra dessa relação com os princípios, mas sim um fortalecimento de sua capacidade de adaptação às novas demandas da sociedade de forma mais ampla.

Contraditoriamente a esse processo de tentativa de inferiorização da agricultura familiar em relação à agricultura comercial, percebe-se, na verdade, que a agricultura familiar cresceu bastante no Brasil. De acordo como o censo agropecuário, realizado pelo IBGE (2017), a agricultura familiar representa 76,8% dos estabelecimentos rurais do País. Acreditamos que ao se alterar a forma como essa agricultura passou a ser vista no Brasil, pôde-se ganhar destaque o potencial do pequeno agricultor na produção de alimentos.

Isso passou a ser interessante até para os grandes produtores do agronegócio, que puderam destinar a sua produção para grandes commodities de biocombustível, por exemplo, observando ali a solução para a problemática da falta de alimentos, incentivando o pequeno e médio produtor a produzir para a sua subsistência, mas também produzir para o comércio local.

Com tudo isso, a agricultura familiar tem trazido uma contrapartida para a economia local e regional. De fato, é comum encontrar em todas as cidades, seja de pequeno ou grande porte, produtos oriundos da agricultura familiar, é possível ver isso no Distrito de Gravatá, onde os produtos produzidos por essas famílias já têm destino certo, pois são comercializados nas cidades circunvizinhas, destacando assim o poder e a importância que tem o agricultor familiar para a economia.

Segundo Wanderley (apud Altafin, 1999), mesmo sendo uma agricultura familiar moderna incorporada ao mercado, leva consigo muitas características do campesinato. Sendo que no Brasil o entendimento da agricultura familiar tem suas bases em conceitos clássicos do campesinato, começando pelas disputas de acesso à terra, pelo trabalho familiar, conciliando a produção de subsistência correlaciona ao mercado, desenvolvendo autonomia na realização das atividades agrícolas. Quanto a essa autonomia podemos dar ênfase às discussões pertinentes sobre o que vai plantar e quando vai plantar, e o que vai ser feito com o excedente da colheita.

Para Martins (apud Altafin, 1986), no Brasil, os que hoje são denominados de agricultores familiares já receberam nomes diferentes, trazendo essa realidade em um contexto geral, onde nas regiões Sul e Sudeste o homem rural é intitulado de roceiro caipira, no Nordeste de tabaréu e em diferentes regiões podem ser chamados de caboclo. Segundo o autor, todas as palavras usam do duplo sentido, tratando assim o agricultor como uma pessoa

rústica, atrasada e ingênua. Segundo o autor são palavras depreciativas, ofensivas, muitas das vezes relacionadas à preguiça, à pouca disposição para o trabalho. Fato é que até hoje o agricultor ainda é geralmente visto como um sujeito de outro tempo, que expressa uma inferioridade, de exclusão e até mesmo de preconceito.

Enquanto ideologicamente a agricultura familiar no Brasil é vista dessa forma, na prática, ela tem contribuição central na produção de alimentos que vai à mesa dos brasileiros. De acordo com o censo agropecuário, a agricultura familiar é responsável por 80% da produção que é comercializada em todo o território nacional. Ou seja, é a agricultura familiar que nos proporciona certa segurança alimentar no Brasil.

Essa agricultura familiar se especializa no campo, que por sua vez é o espaço de trabalho desses agricultores, local onde é produzido o seu sustento, mas também de reprodução de sua forma de vida. É fato, que hoje a agricultura familiar consegue fazer uma conexão entre a agricultura tradicional com a moderna, ou seja, unificando costumes antigos ou técnicas antigas com os implementos agrícolas modernos, proporcionando assim uma melhor forma para o cultivo e aumentando sua produção. Sendo que o excedente de sua lavoura vai para o comércio local, abastecendo os mercados e as feiras livres.

Segundo o Ministério Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA (2019), a Agricultura Familiar é a principal responsável pela produção dos alimentos que são disponibilizados para o consumo da população brasileira. Ela é composta por pequenos produtores rurais, povos e comunidades tradicionais, assentados da reforma agrária, entre outros grupos sociais que, por sua vez, utilizam de práticas tradicionais para a realização das atividades agrícolas. O setor se destaca pela produção de uma larga variedade de produtos tais como: feijão, milho, mandioca, batata-doce, olerícolas, fruticulturas, hortaliças; e os produtos oriundos da pecuária: o gado leiteiro, gado de corte, a suinocultura, a criação de ovinos e caprinos, entre outros que também contribui para desenvolvimento da agricultura familiar.

De acordo como o Censo Agropecuário (2017), um levantamento feito em mais de 5 milhões de propriedades rurais de todo o Brasil, aponta que 76,8% dos estabelecimentos agrícolas do país foram classificados como de agricultura familiar. Em extensão de área, a agricultura familiar ocupava no período da pesquisa 80,9 milhões de hectares, o que representa 23% da área total dos estabelecimentos agropecuários brasileiros.

Diante de um contexto em que a agricultura familiar representa o principal meio de produção de alimentos do País, é preciso também termos o conhecimento de como se dão essas práticas nos diferentes espaços agrários do país e, como se caracteriza essa atividade, que por sua vez é realizada e gerida pela família, que disponibiliza da mão de obra dos

parentes mais próximos, em alguns casos de mão de obra externa. A propriedade, na maioria das vezes, pertence ao agricultor e em outros casos essa terra pode ser oriunda de herança, como também existem situações nas quais o agricultor é arrendatário e, até mesmo meeiro, como é considerado o agricultor que no processo de produção, compartilha parte do que é produzido como o proprietário da terra.

Com relação à questão da terra, no Brasil de acordo com a EMBRAPA que define a propriedade rural como está no Estatuto da Terra.

O inciso II, do art. 4º, do Estatuto da Terra (Lei 4.504 de 1964) define como propriedade familiar o imóvel rural que, direta e pessoalmente explorado pelo agricultor e sua família, lhes absorva toda a força de trabalho, garantindo-lhes a subsistência e o progresso social e econômico, com área máxima fixada para cada região e tipo de exploração, e eventualmente, trabalhado com a ajuda de terceiros.

De acordo com a definição acima, entende-se que o agricultor familiar pode receber mão de obra externa em sua propriedade, para ajudar com as demandas do campo e, mesmo assim, continua sendo agricultor familiar. Considerando assim a necessidade de mão de obra para o cultivo de suas lavouras, atualmente, as famílias de agricultores estão cada vez menores, partindo desse pressuposto há essa necessidade de contratar força externa para dar conta da produção agrícola familiar.

1.2 AGRICULTURA FAMILIAR EM UMA ESCALA REGIONAL, NORDESTE

De acordo com Prado Júnior, (*apud* Sabourin e Caron, 1960), a agricultura familiar tem sua origem no Nordeste em meados de 1850, momento esse marcado pela criação da lei 601 ou a Lei de Terras como ficou conhecida, que trouxe na época novos critérios vinculados aos direitos e deveres dos proprietários de terras. Surgindo, o então mercado fundiário. A lei é votada sob a pressão de grandes proprietários, onde sua principal preocupação era de limitar a ocupação ilegal de terras, sendo uma prática bem comum naquele momento. De tal modo que essa lei se consolida, de fato, pelo assentamento de inúmeras famílias, em decorrência de seu efeito a mesma regulariza a situação dos ocupantes. Esse é ponto de partida para agricultura familiar no Nordeste, permitindo que o pequeno trabalhador possa adquirir a sua terra para cultivar, podendo assim produzir alimentos para o sustento da família como também para o comércio. Logo podemos compreender que diante da criação de uma lei foi possível proporcionar melhorias no campo, fortalecendo e legitimando o direito à terra para todos.

Mas segundo Andrade (2005, p. 35) “é o Nordeste uma das regiões geográficas mais discutidas e menos conhecidas do País”, isso porque o Nordeste dispõe de uma grande diversidade geográfica que proporciona uma paisagem que permite mudanças abruptas. Já de acordo com Santos (1996),

A paisagem é um conjunto de forma que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza. [...] a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão (Santos, 1996, p. 103).

De fato, a paisagem expõe os elementos naturais e artificiais existentes no espaço geográfico, permitindo que determinada área seja caracterizada diante de sua imagem física. Como Andrade destaca a região Nordeste, com relação à mudança abrupta da paisagem, esse efeito ocorre em decorrência de questões climáticas e da vegetação que predomina especificamente naquela região, ele afirma que:

No Nordeste, o elemento que marca mais sensivelmente a paisagem e mais preocupa o homem é o clima, através do regime pluvial e exteriorizado pela vegetação natural. Daí distingue-se desde o tempo colonial a “Zona da Mata”, com clima quente e úmido e duas estações bem definidas, sendo uma chuvosa e outra seca, do Sertão, também quente, porém seco [...], porém secas periódicas que matam a vegetação, destroçam os animais e forçam os homens à migração (Andrade, 2005, p. 37).

Portanto, como destacam alguns autores, o Nordeste é uma região que apresenta fatores naturais que dificultam o cultivo da terra. Fatores esses que são: os baixos índices pluviométricos, ou seja, nessa mancha semiárida nordestina as chuvas são bem escassas, e conseqüentemente causa longos períodos de seca, existem locais em que a média pluviométrica anual varia entre 400 e 800 mm, vivenciando uma extrema escassez hídrica.

Pensando em criar um mecanismo para tentar amenizar os efeitos causados pela seca na região semiárida, o então renomado economista Celso Furtado desenvolveu estudos relacionados aos efeitos causados pela seca, foi a partir desses estudos que surgiu a SUDENE, Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, cujo desafio é amenizar esses efeitos deixados pelos baixos índices pluviométricos. Partindo desse pressuposto, a SUDENE fez uma demarcação denominada de polígono das secas.

Figura 01: Mapa do Polígono das Secas.



Fonte: Geokratos: junho, 2021

De acordo com um relatório desenvolvido pelo IPCC e INPE exposto pela Sudene, onde descreve na íntegra, cenários otimistas e pessimistas relacionados à região *semiárida* brasileira, com relação ao clima e suas mudanças ao longo dos anos, seriam:

[...] 1) um aumento de 3 °C ou mais na temperatura média, tornando ainda mais secos os locais que com maior déficit hídrico no Semiárido; 2) um possível desaparecimento da curta estação chuvosa presente hoje, o que impossibilitaria a prática da agricultura na região sem o uso de irrigação, além de dificultar muito o acesso à água; 3) diminuição da água de lagos, açudes e reservatórios pelo alto potencial para evaporação do Nordeste, combinado com o aumento de temperatura; 4) maior vulnerabilidade a chuvas torrenciais e concentradas em curto espaço de tempo, resultando em enchentes e graves impactos socioambientais; 5) maior frequência de dias secos consecutivos e de ondas de calor decorrentes do aumento na frequência de veranicos; 6) possível inviabilidade da produção agrícola de subsistência de grandes áreas, colocando a própria sobrevivência do homem em risco; 7) degradação do solo, com aumento da migração para as cidades costeiras, agravando ainda mais os problemas urbanos; e 8) substituição da caatinga por uma vegetação mais ótica de zonas áridas, com predominância de cactáceas (SUDENE, 2022, p. 08).

Considerando como essa avaliação é feita da região semiárida do Nordeste, é possível termos um entendimento de como é difícil desenvolver a agricultura em áreas *semiáridas*. Diante de tais fenômenos naturais, o déficit hídrico está diretamente relacionado com as baixas pluviométricas que apresenta nessa mancha semiárida, denominada de Polígono das

Secas. Mas, cabe salientar, que mesmo diante do enfrentamento de inúmeros períodos de secas e de poucas chuvas, o homem do campo resiste a essas intempéries naturais, se reinventando e buscando soluções para enfrentar tais dificuldades. Na região semiárida do Nordeste é bastante comum a presença de longos períodos de seca, como foi destacado acima. De acordo com Mendes (1997 *apud* SUDENE, 2022) tais condicionantes ocorrem em virtude da

[...] A ausência ou a escassez das chuvas, aliada à sua alta variabilidade espacial e temporal, são responsáveis pela ocorrência das secas estacionais e periódicas - um fenômeno natural e cíclico que, de acordo com registros, vem sendo observado nessa região desde 1605. As secas são determinantes para o sucesso ou o fracasso das atividades agrícolas e pecuárias e, conseqüentemente, para a sobrevivência das famílias, com grande influência sobre os condicionamentos de ordens ecológica, botânica e fitogeográfica (SUDENE, 2022, p. 9).

Outro fator limitante à agricultura, está diretamente relacionado ao solo da região Nordeste, pois ele apresenta alguns fatores que determinam a sua capacidade de produzir. De acordo com Silva (2000, *apud* SUDENE, 2022), “82% da região apresenta solos de baixo potencial produtivo, seja por limitações de fertilidade e de profundidade do perfil, seja por limitações de drenagem e de elevados teores de sódio (Na) trocável”. Ainda de acordo com tais limitações, há outros fatores que também interferem nesse processo, assim como destacou a SUDENE (2022).

Devido ao fato de 70% do Semiárido estar localizado sob embasamento geológico cristalino, no qual a rocha que dá origem ao solo está localizada próxima à superfície, fica limitado o abastecimento dos aquíferos subterrâneos, pois os solos são, predominantemente, arenosos ou areno argilosos e rasos, dificultando a drenagem (SUDENE, 2022, p. 9).

Sendo comum no interior do nordeste a presença da policultura, que é desenvolvida na maioria das vezes pela agricultura familiar, que consegue cultivar o seu sustento e ainda comercializar o excedente de suas plantações nas feiras locais. Prática essa que é muito comum nas cidades do interior, se destacando o sertão nordestino como referência nessa modalidade de comercialização nas feiras livres.

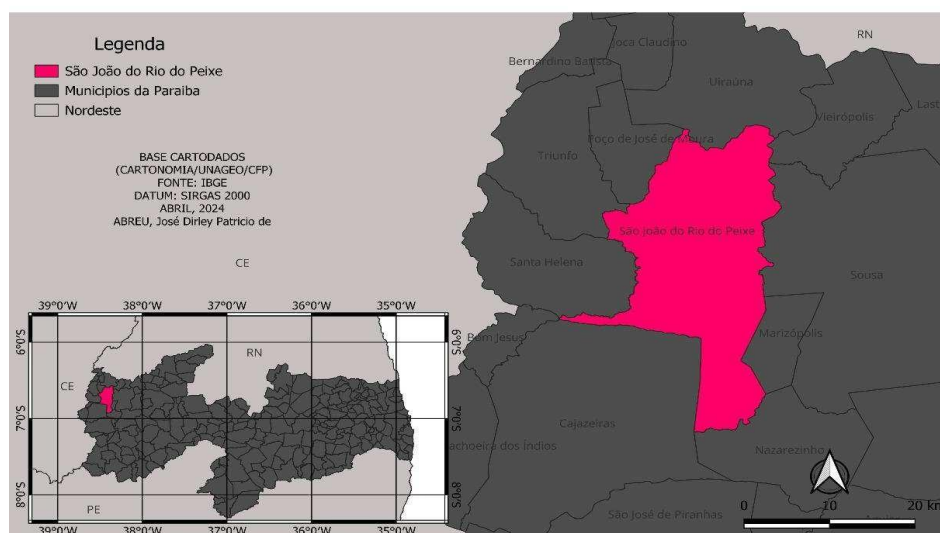
Assim acontece do município de São João do Rio do Peixe, localizado no semiárido paraibano, que se destaca pelo seu potencial na produção de alimentos por meio da agricultura familiar para a região. Considerando essa relevância, e a dimensão territorial desse município, iremos analisar como se dá esse processo de produção e comercialização de alimentos pela agricultura familiar local e, mais especificamente, verduras e hortaliças, no distrito de

Gravatá, deste município. Para isso vamos conhecer um pouco mais sobre a agricultura familiar no município e no Gravatá.

1.3 SÃO JOÃO DE RIO DO PEIXE-PB: AGRICULTURA FAMILIAR E SUA PRODUÇÃO

Mapa 02: Localização do Município de São João do Rio do Peixe-PB

Mapa do Município de São João do Rio do Peixe - PB



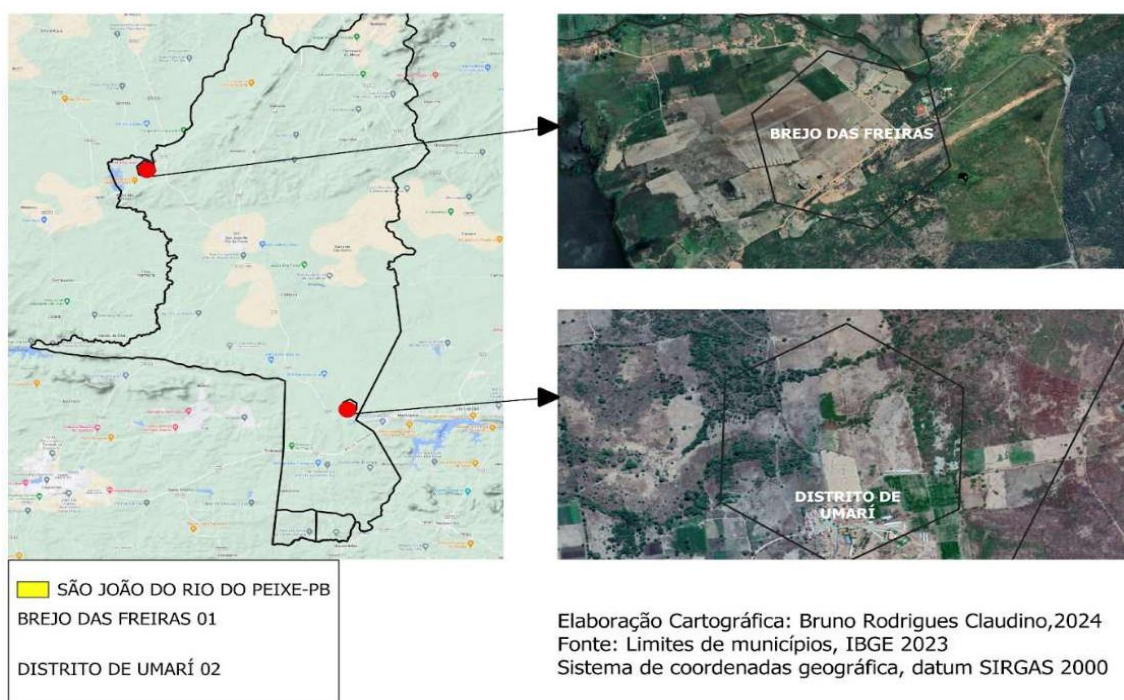
Fonte: Base cartográfica do IBGE, SIRGAS 2000. Adaptado pelo autor, 2024

A representação cartográfica acima mostra a localização do município de São João do Rio do Peixe que faz parte do semiárido paraibano. Esse município conta com uma área de 476 km², sendo considerado uma área rural, pois grande parte de seu território está inserido nesse meio. Como já foi dito acima, o município de São João do Rio do Peixe se destaca no meio rural pelo seu potencial de produção de alimentos através da agricultura familiar. Como exemplo temos o Distrito de Gravatá, nosso campo de estudo justamente por se destacar na produção de alimentos, tais como: coentro, cebolinha, alface, couve-flor, pimentão, pimenta-de-cheiro, quiabo, maxixe, macaxeira, feijão, milho, batata-doce, maracujá, banana, graviola, manga e goiaba.

Mas não é apenas a região do Gravatá que se destaca nesse requisito de produção de alimentos, outras regiões do município também têm as suas parcelas de contribuições com relação ao cultivo de alimentos através da agricultura familiar, como é caso do Brejo das Freiras, que se destaca na produção de arroz; a região do Distrito de Umari, que se destaca na produção de abóbora, feijão, coco, entre outros alimentos, sendo que em toda área rural São João do Rio do Peixe é possível encontrar algum tipo de atividade agrícola e pecuária relacionada à agricultura familiar. .

Mapa 03: Localização do Dist. de Umari e Vila do Brejo das Freiras, SJRP.

Localização do Distrito Umari e Brejo das Freiras, São João do Rio do Peixe-PB



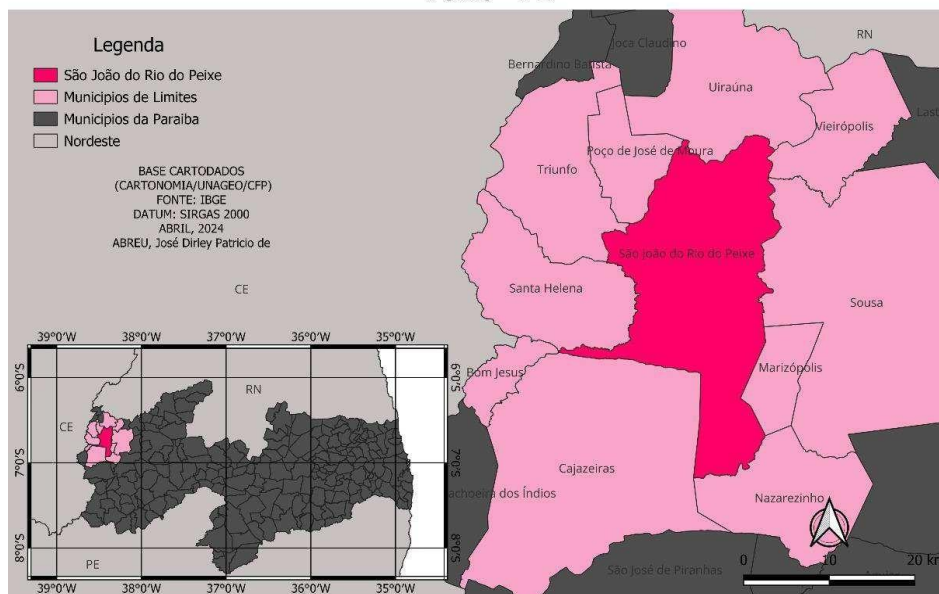
Fonte: Base cartográfica do IBGE, SIRGAS 2000. Adaptado pelo autor, 2024

É importante frisar que a agricultura familiar é a responsável pela produção agrícola e pecuária do município e, de acordo com o último censo realizado pelo IBGE, o município de São João do Rio do Peixe tem uma população de 17.964 habitantes, sendo que 65% de sua população reside em áreas rurais, ou seja, esse número corresponde aos moradores dos distritos, sítios, povoados e vilas existentes em sua zona rural.

Este município, por sua vez, está localizado na região Imediata de Cajazeiras, no Sertão paraibano, diante de sua grande extensão territorial, São João do Rio do Peixe faz limite com diversos municípios, sendo ao norte, o município de Uiraúna; ao sul, o município de Nazarezinho; ao oeste, o município de Cajazeiras; ao leste, o município de Marizópolis, e o município de Sousa, ambos no Estado da Paraíba.

Mapa 04: Limites de Municípios com São João do Rio do Peixe-PB

Mapa dos Municípios que fazem limites com São João do Rio do Peixe - PB



Fonte: Base cartográfica do IBGE, SIRGAS 2000. Adaptado pelo autor, 2024

De acordo com o mapa acima é possível compreender a localização geográfica de São João do Rio do Peixe, sendo capaz de expor a grande quantidade de municípios que se limitam a ele. Considerando sua localização geográfica privilegiada e limitando-se com diversos municípios no ano de 1923, quando se iniciava a construção de uma ferrovia, que teria como objetivo principal escoar a sua produção agrícola e, dos demais municípios para abastecer os estados do Rio Grande do Norte e Ceará sendo transportados por essa linha férrea, foi o que proporcionou ao homem do campo uma melhor condição e novos comércios para vender a sua produção.

Assim como destacou Braga (2023),

Produtos do campo e outros do setor primário passaram a ter a partir do funcionamento das ferrovias maior facilidade no deslocamento, chegando a lugares mais distantes do local de produção ou extração. Nesse contexto, com a possibilidade de se utilizar o transporte ferroviário, o produtor rural pôde vender as suas mercadorias a compradores de outras regiões, aproveitando-se da extensão da malha ferroviária para alcançar novos consumidores (Braga, 2023, p. 25).

A partir desta frente de expansão a linha férrea teve sua contribuição positiva para o município de São João do Rio do Peixe, que possibilitou ao agricultor naquela época uma dinâmica melhor para o comércio local, podendo expandir suas vendas as cidades que eram

agraciadas com a ferrovia. Atualmente, todos os prédios e pontes que faziam parte da estrutura ferroviária, fazem parte do patrimônio histórico e cultural do município.

Imagem 01: Estação Ferroviária de São João do Rio do Peixe-PB



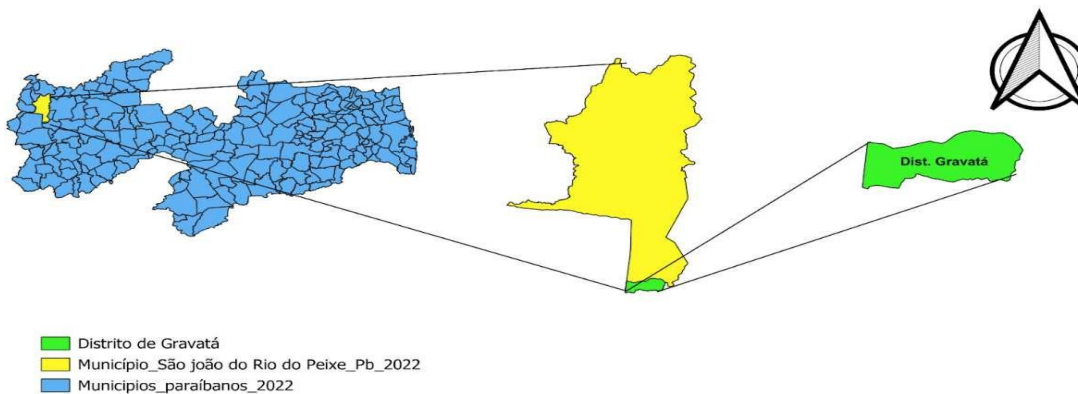
Fonte: Desconhecida

A imagem acima mostra a estação ferroviária de São João do Rio do Peixe, que por muito tempo serviu a população local. No entanto, a partir da expansão das rodovias, o uso do trem para transportar mercadorias acabou se tornando inviável, partindo desse pressuposto, esses prédios históricos ao decorrer dos anos foram sendo abandonados. Em São João do Rio do Peixe, o prédio da estação foi restaurado, conservando sua arquitetura de origem, preservando a história construída ao longo de sua existência. Hoje a estação ferroviária funciona como sede da secretaria de cultura do município, conhecida como estação das artes. Fato é que durante muitos anos essa estação ferroviária, serviu como ponto de partida para o escoamento da produção agrícola do município de São João do Rio do Peixe/PB.

2 A TERRA DA VERDURA: O DISTRITO DE GRAVATÁ E SUA DINÂMICA ESPACIAL.

Mapa 05: Localização do Distrito de Gravatá, São João do Rio do Peixe-PB

Localização do Distrito de Gravatá, São João do Rio do Peixe-PB



Elaboração cartográfica: Bruno Rodrigus Claudino
 Fontes: Limites de municípios, IBGE (2023)
 Sistema de Coordenadas Geográficas, datum SIRGAS 2000

Fonte: Base cartográfica do IBGE, SIRGAS 2000. Adaptado pelo autor, 2024

O Distrito de Gravatá, mais conhecido como a terra da verdura, justamente pelo destaque da produção local, está localizado na porção sul do Município de São João do Rio do Peixe. Ele fica às margens do Rio Piranhas Açu, que é banhado pelas águas da transposição. A representação cartográfica mostra a localização do Distrito no extremo sul do município de São João do Rio do Peixe no Sertão paraibano.

Imagem 02: Vista Aérea do Centro do Distrito de Gravatá, São João do Rio do Peixe-PB



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

A imagem acima ilustra essa área central da comunidade, onde está localizada a praça, a Igreja e alguns comércios que têm sua influência no setor econômico da comunidade, como também o ginásio poliesportivo e USF (Unidade de Saúde da Família). Sendo possível observar algumas áreas de plantio ao seu redor.

No setor econômico, o nosso campo de pesquisa tem a agricultura familiar como principal fonte de renda. Entretanto, vale ressaltar que o comércio local disponibiliza de uma diversidade de pontos comerciais que atendem o distrito e toda a zona rural próxima, bem como: mercadinhos, bares, restaurante, salões de cabeleireiros, farmácia, loja de conveniência, lojas de roupas e variedades, loja de material de construção e comércio de ração e insumos agrícolas, tais como sementes, defensivos agrícolas e fertilizantes, que vem construindo uma história ao passar dos anos.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO: A ORIGEM DO DISTRITO DE GRAVATÁ

A sua origem se deu por volta dos anos de 1739, cabe salientar que não existe registro que comprove a sua origem, mas durante o trabalho de campo dessa pesquisa aproveitamos os momentos de aplicação do questionário para buscar relatos dos mais antigos da comunidade sobre a história da comunidade. Segundo os moradores mais antigos, o Distrito nasce de uma fazenda que levava o nome de Croatá, fazenda essa que pertencia a um capitão da Força Mó, de nome Antônio Afonso de Carvalho, que adquiriu uma porção de terra no Boqueirão do Barro que, naquela época, pertencia ao município de Sousa. Aprofundando a nossa pesquisa encontramos em um TCC informações que se remete mais especificamente a essa Fazenda de nome Croatá, o autor apenas relata um pouco da história da Fazenda, como frisou Moraes (2018).

Antônio Afonso de Sousa fundou a fazenda de Croatá em 1740, e o nome do seu vaqueiro era José Germano, tinha seis filhos, o qual o primogênito João Afonso de Carvalho era casado com uma Índia de nome Sofia, tendo vários filhos. As primeiras casas feitas em Croatá foram à casa da Fazenda para o vaqueiro em 1740 e a casa de Bonfim o rapaz velho, e não deixou filhos, ele é filho do Antônio Afonso. Não se tem notícia de quando foi feita esta casa. (Moraes, 2018, p. 28).

Como relatou Moraes (2018), a comunidade do Gravatá teve origem da Fazenda Croatá, que segundo os mais antigos da comunidade, mais tarde passou a ser chamado de Gravatá. Mas a Fazenda só veio a se transformar em comunidade na década de 1940, mediante a construção de uma escola na localidade. Já a mudança de nome de Croatá para Gravatá se deu em meio a algumas controvérsias, onde segundo relatos dos moradores, esses

passaram a entender que o nome Croatá estaria errado e, que o correto seria Gravatá. Segundo os moradores mais antigos em meio a essa discussão acharam por bem adotar o novo nome, ficando assim definido como Gravatá, que assim é conhecido até os dias atuais. Como podemos observar na imagem abaixo a comunidade possui atualmente uma infraestrutura bem diferente dos relatos em torno de uma Fazenda.

Imagem 03: Vista ampla do Distrito de Gravatá, São João do Rio do Peixe-PB



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

As fotografias expostas nos mostram uma vista ampla da região central do Gravatá, como também das principais vias de acesso daquela comunidade. O Gravatá está ladeado pelo Rio Piranhas, rio esse que após a construção da barragem de Engenheiros Ávidos, inaugurado no ano de 1939, passou a receber um volume maior de água, o que contribui para o cultivo e produção de hortaliças e leguminosas, dando assim condições para o desenvolvimento da agricultura familiar naquela comunidade, proporcionando um aumento significativo na economia local. O então conhecido Gravatá se destaca pela qualidade de seus produtos, que cruzam os limites municipais atendendo as feiras livres regionais, rompendo divisas estaduais, uma vez que esses produtos provenientes da agricultura familiar chegam até municípios dos estados vizinhos, Rio Grande Norte e Ceará.

Imagem 04: Rio Piranhas/Açu

Fonte: Bruno Rodrigues Claudino, 2024

As imagens acima mostram o Rio Piranhas/Açu, banhado pelas águas da transposição do Rio São Francisco, onde mostra o rio com níveis diferentes, ou seja, em período de cheias e de seca.

Na nossa coleta de relatos em campo também conversamos com os produtores sobre as estiagens, períodos de seca, e a produção local. Eles relataram que o Distrito de Gravatá no período de 2013 a 2018 passou por uma grande crise hídrica, ou seja, por um longo período de estiagem, fato que é comum no semiárido, diante de tais fatos o leito do Rio Piranhas acabou secando, e que isso terminou dificultando o cultivo e a produção familiar. Mas mesmo diante desse déficit hídrico, os agricultores se reinventaram perfurando poços do tipo cacimbão no leito do rio, e poços artesianos em diferentes áreas da comunidade. Mesmo essa quantidade de água sendo limitada, ainda foi possível continuar produzindo e mantendo a produção naquela comunidade rural, embora fosse em pequenas quantidades. Diante de tais situações é que conseguimos enxergar a força que tem o camponês, para conseguir a sobrevivência da sua família, resistindo às intempéries naturais e as adversidades existentes e ainda permanecendo no campo, como mostram as imagens adiante.

Imagem 05: Rio Piranhas/Açu no Período de Estiagem de 2013 a 2018



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

As imagens acima destacadas mostram um cenário crítico, onde o leito do rio ficou totalmente seco e, essas cenas perduraram por um longo tempo, o que acabou dificultando o cultivo de alguns alimentos, tais como macaxeira e batata-doce, pois eles necessitam de um volume maior de água. Apesar de tal situação vivenciada pelos ribeirinhos, ainda era possível encontrar muitas áreas de cultivo de hortaliças e legumes na comunidade de Gravatá, evidenciando o quão forte é esse camponês, que mesmo diante de uma situação de crise consegue sobreviver no campo.

Diante disso, Shanin (1980) descreve a forma como este homem do campo consegue resistir às adversidades cotidianas.

(...) a criatividade e multiplicidade de respostas dos camponeses em situações de crise e de sua capacidade para usar a família como instrumento para se defender de calamidades. A família pode empregar sua mão-de-obra de diferentes maneiras e, agregando os resultados de seu trabalho, manter-se reunida e proteger-se de maiores danos. Em certas situações em que não há crédito no banco para os camponeses, eles podem obter crédito com parentes (Shanin, 1980, p. 7).

Com base na forma como Shanin (1980) descreve a força e a rusticidade do camponês, é que conseguimos enxergar as diversas maneiras que o homem do campo se apegou para

solucionar os problemas do dia a dia no campo e, sempre fazendo uso da família como ferramenta, dando suporte e agregando junto às atividades no campo.

Dentro desse contexto, onde o homem do campo usa a criatividade e sua capacidade de se reinventar para o enfrentamento de situações de crise, cabe destacar os sistemas de irrigação, utilizados em nosso campo de estudo, eles foram os responsáveis por proporcionarem um melhor uso da água de forma prática e racional, trazendo assim um melhor aproveitamento dos recursos hídricos ali existentes.

Para a EMBRAPA (2022), a irrigação é um método artificial de aplicação de água na agricultura, sendo que o objetivo principal é viabilizar os cultivos em locais onde a escassez de água limita a atividade agrícola”, que varia de acordo com a necessidade da cultura implantada e a quantidade de água disponível, como mostra o gráfico a seguir. Vale ressaltar que todos os gráficos abaixo foram confeccionados a partir de dados coletados em campo, mediante a aplicação de um questionário seguido de conversas informais com os agricultores locais.

Gráfico 01: Tipos de Irrigação Presente no Distrito de Gravatá



Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023.

Como identificamos no GRÁFICO 1, 64% dos agricultores entrevistados que responderam ao nosso questionário utilizam a irrigação por microaspersão. Já o sistema de aspersão representa 23%, sendo que sistema de aspersão o seu é mais comum em lavouras de médio e grande porte, como é caso da macaxeira e batata-doce, que também faz o uso do canhão para sua irrigação, sendo usada por 7% dos agricultores entrevistados. Logo vem os sistemas de irrigação por meio do gotejamento, utilizado no cultivo de maracujá, representando apenas 3% dos entrevistados e, por fim, a irrigação por inundação, que geralmente é utilizada em plantação de banana. Vale lembrar que essa forma de irrigar não é

recomendada, por se tratar de um manejo que não faz uso racional da água e, também, pode causar dessalinização do solo.

Em concordância com as narrativas dos agricultores inseridos em nosso campo de estudo, foi compreendido que o sistema de micro aspersão proporciona uma irrigação homogênea, que consegue benefícios tanto na qualidade como na quantidade de área irrigada, como mostram as imagens a seguir.

Imagem 06: Micro Aspersão em Plantação de Coentro e alface no Distrito de Gravatá-SJRP



Fonte: elaborado pelo autor, julho de 2023.

A imagem ilustrada anteriormente nos mostra o sistema de micro aspersão em uma área de cultivo de alface e coentro. Entretanto, em nossa ida a campo, conseguimos enxergar, com base no conceito de irrigação exposto pela Embrapa, que os agricultores entrevistados, disponibilizam de alguns outros tipos de sistemas de irrigação, proporcionando assim o uso de sistemas de irrigação de acordo com a cultura implantada, o que gerou mais qualidade com relação à área a ser irrigada e ao uso racional da água.

2.2 ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO DISTRITO DE GRAVATÁ

Para nos aproximarmos mais da vida camponesa da comunidade do Gravatá priorizamos conhecer a organização espacial do distrito assim como a infraestrutura disponível para essa população buscando caracterizar a agricultura familiar e sua forma de

vida. Para isso, realizamos em campo um levantamento dessa infraestrutura e a partir dele construímos mapas e gráficos que nos ajudam a compreender a dinâmica dessa comunidade na atualidade.

A representação cartográfica abaixo, mostra a localização do Distrito de Gravatá e o município de São João do Rio do Peixe-PB, destacando através das imagens parte da estrutura física presente na comunidade. A imagem mostra a localização de pontos comerciais, repartições públicas e templos religiosos. De acordo com o exposto na representação cartográfica, foi possível compreender um pouco do território do Distrito de Gravatá.

Mapa 06: Organização Espacial do Distrito de Gravatá, SJRP

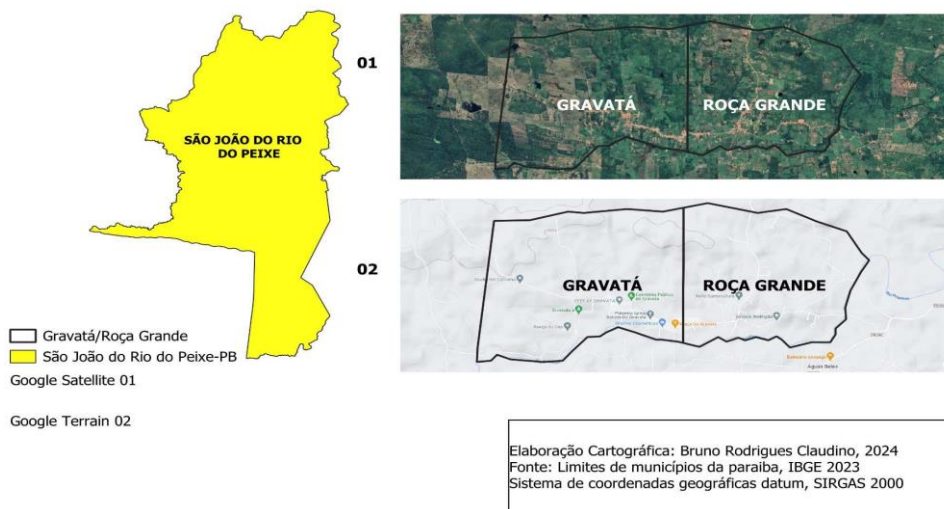


Fonte: Base cartográfica do IBGE, SIRGAS 2000. Adaptado pelo autor, 2023

A comunidade de Gravatá é dividida geograficamente em duas grandes áreas, sendo a primeira localizada ao oeste denominada Gravatá, e ao leste conhecida por Roça Grande. Vale ressaltar que essa divisão geográfica foi criada pelos habitantes locais, mas a população total da comunidade conta com 1230 habitantes, distribuídos em 465 domicílios (dados coletados em trabalho de campo, junto aos ACS - Agentes Comunitários de Saúde, assim como mostra o MAPA 7, a seguir.

Mapa 07: Divisão Geográfica de Distrito de Gravatá: Gravatá/Roça Grande

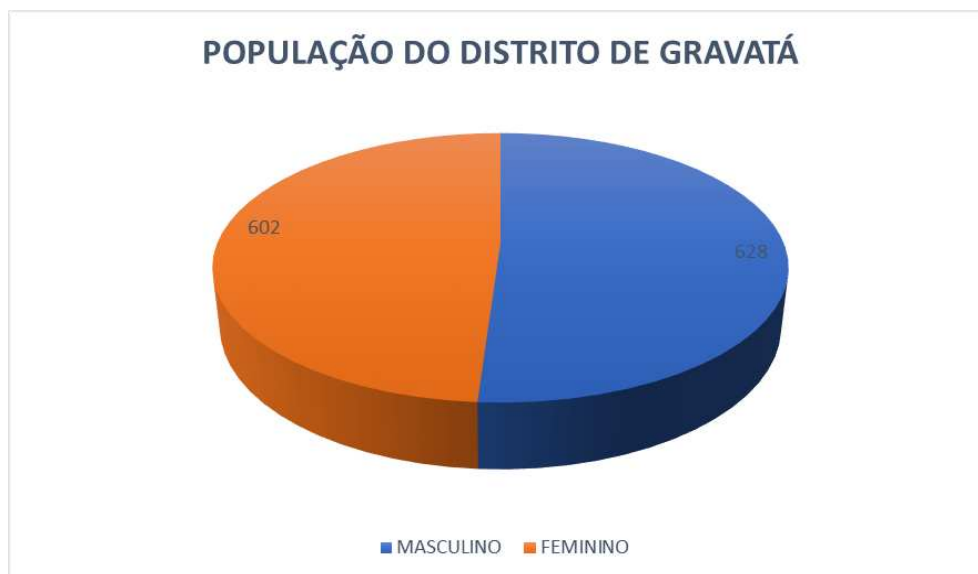
MAPA DE DIVISÃO LOCAL ENTRE GRAVATÁ E ROÇA GRANDE



Fonte: Base cartográfica do IBGE, SIRGAS 2000. Adaptado pelo autor, 2024

A representação cartográfica acima expõe a forma como os moradores locais costumam chamar essas duas áreas do Distrito de Gravatá, de acordo com o AGF-12 o Gravatá fica localizado do posto médico para cima e Roça Grande do posto para baixo. Dessa forma, construímos o mapa 07 acima a partir da narrativa dos antigos moradores da comunidade, traçando uma linha imaginária que divide a comunidade em duas áreas, tendo como referência o posto médico. É importante deixar claro que essa divisão de área é bem antiga e que na atualidade os habitantes mais jovens não utilizam desta divisão geográfica.

Ainda segundo dados coletados em trabalho de campo junto a ACS da comunidade, a população residente encontra-se distribuída da seguinte forma: 628 habitantes do sexo masculino, e 602 do sexo feminino; lembrando que dentro destes números estão inclusos a população de forma geral, englobando adultos e crianças.

Gráfico 2 – Densidade Demográfica do Distrito de Gravatá, SJRP

Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023.

Quanto a infraestrutura disponível para a população do Distrito de Gravatá, levantamos em campo que no setor da saúde, por exemplo, o Distrito conta com a USF- Unidade de Saúde da Família Maria Zilda Rodrigues dos Santos, com atendimento médico e odontológico de segunda a sexta, com auxílio de uma ambulância 24 horas, e de uma equipe de enfermagem prestando serviços de assistência básica a comunidade local e comunidades adjacentes, como mostram as imagens adiante.

Imagem 07: USF- MARIA ZILDA RODRIGUES DOS SANTOS, Distrito de Gravatá SJRP.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

As fotografias destacadas mostram a organização espacial da USF- Maria Zilda Rodrigues dos Santos, como podemos observar, a fachada da frente, sala de atendimento odontológico, sala de atendimento médico e a recepção. Essa unidade de saúde passou a ser chamada por esse nome, em homenagem *in memoriam* a enfermeira Maria Zilda conhecida por Zilda de Chico de Ana, que foi um dos pilares da saúde da comunidade, dedicando toda sua vida para cuidar das pessoas mais carentes da comunidade de Gravatá e adjacências.

No setor da educação, a comunidade conta com duas unidades de ensino e uma creche, ambas pertencentes ao município, sendo a Escola Municipal CEL. Jacob Guilherme Frantz responsável pela educação infantil e fundamental, e a Escola Estadual Augusto Afonso de Carvalho responsável pelo ensino fundamental, ambas atualmente estão sob os cuidados do município. Já a creche Vandalucia Lins de Carvalho fica responsável pelo Maternal e Infantil com crianças até 5 anos. Cabe salientar que a comunidade também contava com uma Escola Estadual que foi entregue ao município recentemente, e se encontra fechada. Essas escolas contam com uma boa estrutura física e operacional, ambas disponibilizam ginásios poliesportivos para a realização de atividades físicas e de recreação de seus respectivos alunos.

Imagem 08: EMEIEF CEL. JACOB GUILHERME FRANTZ, Distrito de Gravatá SJRP.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

As imagens destacadas acima mostram a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Cel. Jacob Guilherme Frantz, uma escola bem antiga na comunidade.

Sua construção foi no ano de 1975 pelo então prefeito da época Major Jacó assim como era chamado, fica localizada a leste na área de Roça Grande, conta com uma boa estrutura física para atender a demanda local, conta com diversas salas de aulas e espaço para recreação.

Imagem 09: ESCOLA ESTADUAL AUGUSTO AFONSO DE CARVALHO, Distrito de Gravatá, SJRP.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

A imagem ilustrada expõe a Escola Estadual Augusto Afonso de Carvalho, ela fica localizada no setor oeste do Gravatá, e dispõe de uma boa estrutura física, como mostram as imagens. Conta também com um ginásio poliesportivo, recém-construído. Essa escola foi fundada no ano de 1949, pelo então gestor da época, o senhor Argemiro. E com relação ao terreno onde foi construída, este foi uma doação do senhor Augusto Afonso de Carvalho.

Na parte religiosa, a comunidade de Gravatá conta com quatro templos religiosos, sendo dois destinados ao público católico e os outros três aos evangélicos. Uma das igrejas católicas fica localizada na área central do Distrito, com uma praça em suas laterais, essa igreja leva o nome de capela de São Francisco; e a outra, um pouco mais distante do centro, é conhecida como Capela Nossa Senhora de Fátima. As igrejas evangélicas são a Igreja Batista de Gravatá, assim como é conhecida, tem sua tradição na comunidade evangélica local; e a Assembleia de Deus, igreja recém-chegada à comunidade.

Imagem 10: Igreja de São Francisco, centro do Distrito de Gravatá-SJRP



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

As imagens expostas mostram a capela de São Francisco, que fica localizada nessa área central da comunidade, ladeada pela praça Manoel Targino, foi fundada por volta de 1951, quando o senhor Manoel Targino de Sousa fez a doação de duas tarefas¹ de terra, ele também foi responsável por construir a capela de São Francisco, que levou esse nome porque o benfeitor era devoto do então santo. No ano seguinte a capela foi inaugurada e as missas passaram a ser celebradas na dita capela, que por volta de 1965 foi ampliada. No ano de 2004, a capela de São Francisco mais uma vez precisou ser expandida, sendo totalmente demolida. A partir disso iniciou a construção de uma nova igreja, que foi concluída no ano de 2010.

¹ Em termos simples, uma tarefa de terra é uma medida utilizada para medir áreas rurais e propriedades agrícolas, sendo utilizada principalmente na região Nordeste, podendo variar de acordo com a região. Essa medida tem influência históricas e culturais da colonização portuguesa.

Imagem 11 – Capela de Nossa Senhora de Fátima, Distrito de Gravatá, SJRP



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

Imagem 12: Igreja Batista de Gravatá-PIBG



Fonte: Bruno Rodrigues Claudino, 2023

As imagens destacadas, são referentes a Igreja Batista de Gravatá (PIBG), que foi fundada em maio de 1948, pelo Pastor Zacarias de Barro Almeida, atualmente está sob o

comando do Pastor Ailton Rodrigues da Silva, a igreja fica localizada na rua projetada, s/n, no setor oeste do Distrito de Gravatá, São João do Rio do Peixe-PB.

Como pudemos observar, embora o Distrito de Gravatá seja uma comunidade localizada na área rural, áreas comumente esquecidas pelo poder público em relação a zonas urbanas, o distrito dispõe de uma boa estrutura física, que atende as primeiras necessidades de seus moradores, isso faz com que o deslocamento da população em busca de serviços em centros urbanos próximos seja menor do que normalmente acontece em outras áreas rurais da região. Tudo isso tem proporcionado, segundo os moradores, uma melhor qualidade de vida para seus habitantes.

No setor de esporte e lazer, a comunidade conta com dois ginásios poliesportivos, sendo um localizado na área central, com uma boa estrutura para a prática de diversas modalidades de esportes, e outro que fica localizado nas proximidades da escola estadual. A imagem 11, a seguir, mostra o ginásio, conhecido por “O Rodrigão”.

Imagem 13 – Ginásio Poliesportivo Francisco Rodrigues de Sousa. Distrito de Gravatá, SJRP



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

O ginásio destacado, apresenta uma área bem ampla destinada a atividades físicas e culturais para a população local, ele encontra-se localizado na área central da comunidade, e recebeu este nome em homenagem ao senhor Francisco Rodrigues (Chico de Ana), assim como era conhecido na comunidade.

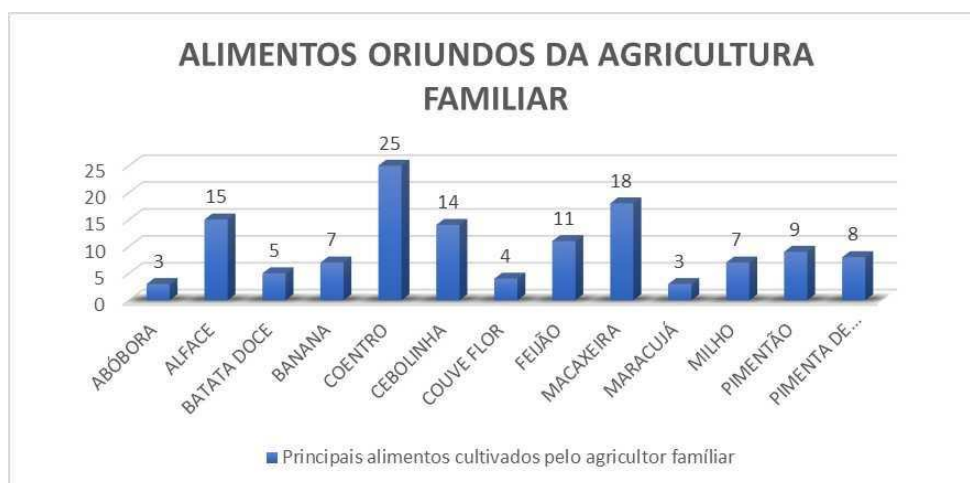
Toda essa estrutura física destacada até aqui é destinada a uma comunidade, na qual, as pessoas que ali residem, buscam o seu meio de sobrevivência através das atividades agrícolas e pecuárias. Vale lembrar que no Distrito de Gravatá são cultivados uma larga variedade de alimentos por parte da agricultura familiar predominante naquela área rural, adiante iremos entender como funciona esse meio de produção agrícola familiar na terra da verdura.

3 PROCESSO DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO NA TERRA DA VERDURA: O DISTRITO DE GRAVATÁ

A terra da verdura como assim é conhecido o Distrito de Gravatá, leva esse nome por causa do seu destaque na produção de hortaliças e verduras na região Sul de São João do Rio do Peixe. Durante a realização dessa pesquisa pudemos identificar esse destaque na produção da comunidade e, de forma geral, podemos dizer que essa visibilidade na produção está vinculada diretamente a sua dinâmica de produção e comercialização dos produtos oriundos da agricultura familiar, que produz alimentos de boa qualidade para abastecer as feiras livres e mercados da região. Em loco constatamos que as atividades agrícolas locais são realizadas, em sua grande maioria, por pessoas da mesma família, desta forma a posse dos meios de produção são da família do agricultor, assim, denominado agricultor familiar.

A área campo de estudo produz uma larga variedade de produtos assim como: alface, abóbora, coentro, cebolinha, pimentão, pimenta-de-cheiro, quiabo, couve-flor, banana, maracujá, batata-doce, macaxeira, feijão, milho e outros tipos de alimentos, como mostra o GRÁFICO 3, abaixo.

Gráfico 3 – Alimentos Oriundos da Agricultura Familiar no Distrito de Gravatá, SJRP



Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

Embora sejam cultivados essa larga variedade de alimentos, cabe destacar que o coentro, alface, macaxeira e batata-doce são os alimentos produzidos em maiores quantidades, para atender uma demanda do comércio e das feiras livres regionais. Os gráficos a seguir mostram a produção dessas hortaliças e legumes citados. O primeiro gráfico mostra a produção semanal de alface e coentro, e o segundo gráfico mostra a produção de macaxeira e

batata-doce em um período de seis meses, ou seja, de janeiro a junho de 2023. Dados coletados em campo mediante a aplicação de um questionário.

Gráfico 4 – Produção semanal de Coentro e Alface no Distrito de Gravatá, SJRP



Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

De acordo com o resultado exposto no GRÁFICO 4, foi possível observar que a produção de coentro (cheiro verde) corresponde a 76% da produção semanal do Distrito de Gravatá, totalizando em média 3.300 kg; em seguida vem a alface com 24% da produção semanal, o que corresponde a 3.100 unidade, ou seja, a forma como essa hortaliça é comercializada. Para chegarmos a este número em kg foi preciso um diálogo com o agricultor, onde compreendemos que 3 unidades da alface correspondem, em média, a 1kg. Desta forma, a produção da alface é de 1033 kg por semana. Diante dessa conversão de unidade para kg, foi possível mostrar o resultado obtido com mais clareza.

Imagem 14 – Plantação de Coentro (cheiro verde), no Distrito de Gravatá, SJRP



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

A IMAGEM 14, expõe uma plantação de coentro, a forma como é plantado, pode-se observar que existe uma forragem sobre os canteiros, assim como são chamados pelos agricultores. A produção está organizada em carreiras, como nos explicou o AGF-09 “*para plantar o coentro tem que deixar a terra bem xaxada, depois fazer um risco com o olho da enxada para colocar as sementes e depois cobrir com capim ou palha de carnaúba se tiver, essa cobertura serve para manter a terra úmida por mais tempo e também para o coentro não melar*”. Nota-se um amplo conhecimento por parte do agricultor com relação ao manejo correto para uma boa lavoura, como pode ver na imagem uma plantação bem situada.

Imagem 15 – Plantação da Alface na Comunidade de Gravatá SJRP



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

A IMAGEM 15, mostra uma plantação de alface-crespa, sendo utilizado o sistema de micro aspersão para a irrigação, o processo de plantio um pouco diferente comparado ao coentro, assim como destacou o agricultor AGF-16 “*antes do preparo do solo temos que produzir as mudas e, depois com a terra já pronta, fazer o transplante das mudas, e manter a plantação sempre bem molhada e depois que coloquei o sistema de micro melhorou muito a luta de aguação (irrigação), depois de situar as mudas, agora é manter a plantação limpa sem mato e adubar no tempo certo*”. Como destacou o AGF-16, parece bem simples, mas ele ainda nos relatou que “*em épocas muito quentes fica mais difícil de produzir, porque a alface precisa de muita água e, devido à quentura, a plantação não desenvolve como deveria ser, e já aconteceram casos de perder toda a plantação*”.

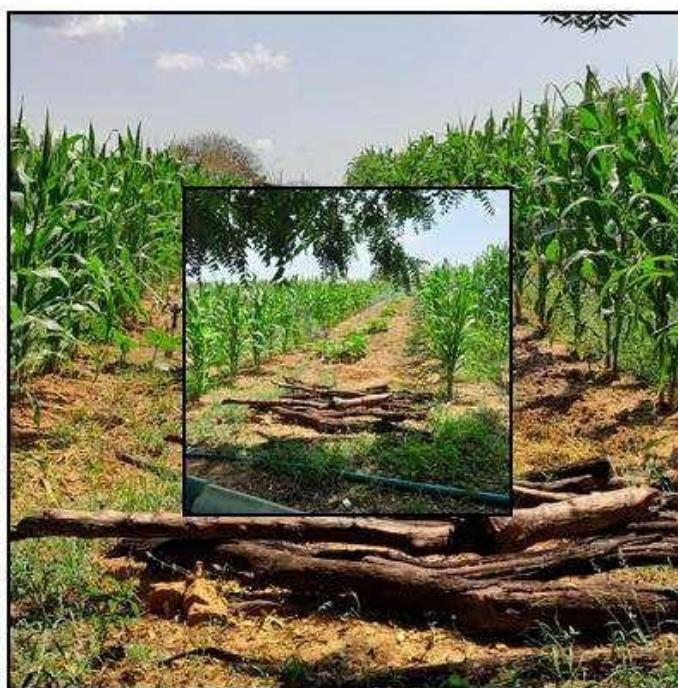
Imagem 16 – Plantação de Cebolinha/Cebola de Fio na Comunidade de Gravatá SJRP



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

A IMAGEM 16, expõe uma plantação de cebola de fio ou cebolinha, como é conhecida pelos agricultores. O método de irrigação utilizado é o sistema de micro aspersão, que é bem comum nesse meio de produção.

Imagem 17 – Plantação de Milho em Consórcio com Abóbora no Distrito de Gravatá SJRP



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

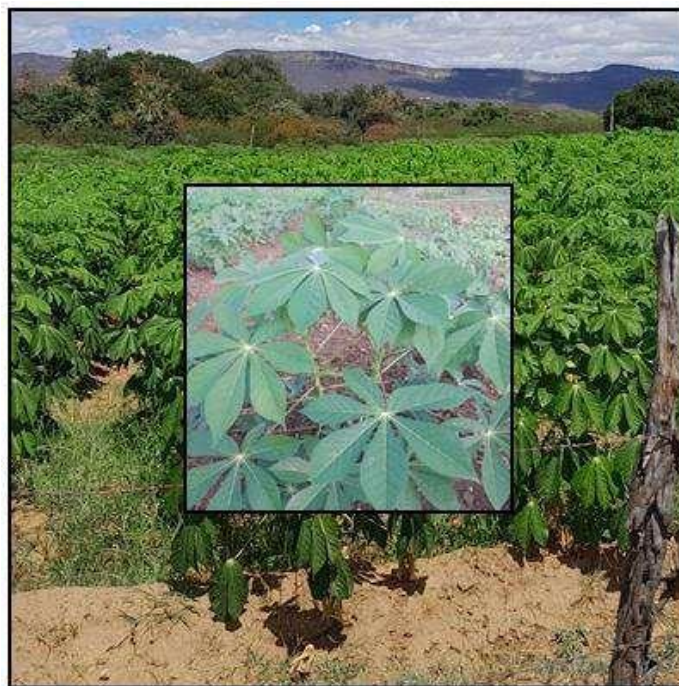
A IMAGEM 17, mostra uma plantação de milho em consórcio com abóbora, sendo irrigada pelo sistema de aspersão, por ser uma cultura de um porte maior necessita desse tipo de sistema, pois consegue irrigar em um raio maior, proporcionando assim um melhor aproveitamento da água.

Gráfico 5 – Produção de Macaxeira e Batata Doce, Janeiro - Junho (2023). Gravatá, SJRP



Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023.

A Partir dos dados do GRÁFICO 5, pudemos enxergar que a produção de macaxeira corresponde a 83% da produção em um período de seis meses, totalizando uma média de 155 toneladas. Cabe ressaltar que essa produção já foi bem maior em anos anteriores, quando havia uma regularidade com relação aos recursos hídricos. De acordo com o AGF-10 “antes da seca que atingiu a região nos anos de 2013 a 2018, a produção de macaxeira era o dobro, mas agora com a chegada das águas do São Francisco começamos a produzir de novo, com regularidade mesmo a macaxeira passando 1 anos para ser colhida vale apenas plantar, porque tem comércio para gente vender, não tem risco de perder a produção na roça”.

Imagem 18 – Plantação de Macaxeira no Distrito de Gravatá, SJRP

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

A IMAGEM 18, mostra uma plantação de macaxeira do tipo paulistinha, como é chamada pelos agricultores locais. A sua irrigação é feita usando o sistema de aspersão e mini canhão, por ser uma cultura de porte médio, necessita que o solo e a parte arbustiva da planta sejam irrigados. Desta forma, os sistemas de irrigação, citados anteriormente, permitem que esse processo seja executado da maneira correta, assim como exige a cultura.

Com relação à produção de Batata-doce que representa 17% da produção, totalizando 32 toneladas nesse mesmo período de seis meses, um número bem inferior comparado a produção de macaxeira, isso pode estar vinculado ao preço de mercado como também aos manejos exigidos pela cultura, ou seja, é uma cultura que requer um pouco mais de cuidado. De acordo com AGF-08 *“a batata-doce não tem a mesma demanda da macaxeira, é preciso de um cuidado especial com relação ao preparo do solo, e sem falar que a produção em alguns casos é bem inferior ao esperado e na maioria das vezes a terra não está boa e acaba dando prejuízo por que a produção é baixa e os gastos são altos”*. Baseado no que destacou o agricultor, identificamos que a falta de assistência técnica em nosso campo de estudo, acaba por prejudicar a produção em alguns casos como, por exemplo, se o agricultor sempre que fosse cultivar os seus alimentos, recebessem o auxílio de um técnico, a sua produção sem sombra de dúvida seria bem maior.

3.1 PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS E LEGUMINOSAS NO DISTRITO DE GRAVATÁ

A produção de hortaliças e leguminosas no Distrito de Gravatá, se consolida através da Agricultura Familiar, que é desenvolvida com técnicas tradicionais, com alguns ajustes que as condições regionais necessitam, ou seja, essa agricultura familiar mesmo sendo realizada sem assistência técnica, consegue produzir de forma organizada. Conforme a EMBRAPA (2023),

O ajuste e o aprimoramento de práticas agrícolas, assim como a adoção de novas tecnologias, muitas vezes de baixo custo e acessível ao agricultor familiar, são fundamentais para efetivação da produção (EMBRAPA, 2023, p. 1).

De acordo com a proposta exposta pela Embrapa, na qual mostra essas novas tecnologias e ajustes, em nosso campo de estudo é possível encontrar novas técnicas, assim como a Embrapa destacou, mas vale salientar que essas técnicas chegaram ao campo através da curiosidade dos agricultores, porque na nossa área campo de estudo, a assistência é totalmente ausente. Nesses casos, o agricultor familiar se utiliza de conhecimentos tradicionais, passado de geração em geração, adaptados e ajustados a novas técnicas, como é o caso do uso de mono cultivadores, usado no preparo do solo para o cultivo de hortaliças, ou uso de roçadeiras manuais para eliminar as ervas daninhas, sementes melhoradas geneticamente entre tantas outras, que vem melhorando a produção familiar.

Vale lembrar que esses implementos agrícolas citados, na maioria das vezes, são de propriedade dos agricultores, adquiridos com recursos próprios. Outro ponto importante é que eles não receberam nenhum tipo de formação, para manusear tais equipamentos, em conversa com o AGF-07 de 32 anos ele nos contou que *“aprendi as técnicas e, conheci equipamentos que pudesse me ajudar no dia a dia da lida na roça, foi assistindo vídeos no YouTube, aprendi com outros agricultores, e assim por diante, mostrando sempre coisas novas e, com isso melhorou bastante a minha produção”*. Então, partindo dessa linha de pensamento o agricultor familiar está sempre buscando uma melhor forma para cultivar suas culturas, buscando através do acesso à internet conhecer e aprimorar seu modo de produção como destacou o AGF-07. A falta de assistência técnica para dar suporte à agricultura familiar local foi uma das problemáticas encontradas na área estudada.

Essa é a dura realidade encontrada em nossa ida ao campo, onde 100% dos agricultores não recebem qualquer tipo de assistência técnica para lhes auxiliar nas atividades agrícolas. Ainda como base na falta de assistência, em nosso questionário disponibilizamos

uma questão que busca saber de onde veio o conhecimento para cultivar seus alimentos que, de acordo como os princípios da agricultura familiar, são de geração em geração, assim como mostra o GRÁFICO 6, a seguir.

Gráfico 6 – Origem das Téc. Produção e Comercialização de Produtos Agrícolas em Gravatá



Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

De acordo com dados expostos anteriormente, percebe-se que 80% dos entrevistados adquiriram esse conhecimento para a realização das atividades agrícolas através de seus pais, sendo que 7% destes aprenderam a cultivar o solo com seus avós, e apenas 3% obtiveram estas técnicas sozinho, sem ajuda dos familiares. Diante deste resultado nota-se a predominância da família diante do processo de produção de alimentos na terra da verdura.

3.2 LOCAL DE PRODUÇÃO: CONHECENDO AS TÉCNICAS BÁSICAS UTILIZADAS PARA A CULTIVO

Com o intuito de conhecer e expor as técnicas utilizadas pelo agricultor familiar da área pesquisada, realizamos trabalhos de campo junto às propriedades rurais de cultivo na comunidade, conversando com os agricultores e coletando essas informações em imagens e vídeos. A partir dessa coleta de informações, neste capítulo iremos destacar os quatro principais produtos que são cultivados no Distrito de Gravatá, entre eles estão a macaxeira ou mandioca, a batata-doce, a alface e, por último, o coentro, produtos esses que condicionam a economia local.

Segundo a EMBRAPA (2022), a mandioca ou macaxeira, assim como é conhecida em nossa região, tem sua representatividade com relação à produção em regiões semiáridas, como é o caso do Distrito de Gravatá.

A mandioca é um dos cultivos mais relevantes do Semiárido, representando 12,3% das 18,2 milhões de toneladas produzidas pelo Brasil em 2020, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esses números se mantêm a despeito das condições de extrema escassez hídrica dessa zona climática localizada no bioma Caatinga e que ocupa 12% da área do País (EMBRAPA, 2022, p. 1).

Com base em dados do Censo Agropecuário (2021), foi possível identificar alguns produtos agrícolas que se destacam no sertão paraibano, onde está localizado o nosso campo de estudo, mostrando que a macaxeira tem sua representatividade em meio aos produtos de origem da agricultura familiar produzido no semiárido.

Em coleta de informações com os agricultores locais foi possível identificar que algumas práticas tradicionais foram abandonadas ou, até mesmo, esquecidas, como o caso do uso do arado com tração animal para preparo do solo, ou o uso de mão de obra braçal para fazer os camaleões, que também foram substituídas pelos tratores agrícolas. Atualmente o arado foi substituído por pequenos tratores manuais, chamados de moto cultivadores, que são utilizados com frequência no cultivo das hortaliças, lembrando que nas áreas maiores é indispensável a utilização da mecanização agrícola, ou seja, o uso de tratores.

Em determinada época do ano, no período que antecede as chuvas, a prefeitura, junto a secretaria de agricultura disponibiliza patrulhas com tratores para fazer o corte das terras dos agricultores de forma gratuita, desta forma proporcionando aos agricultores uma ajuda para o preparo do solo e para o cultivo de suas lavouras. Dentro deste contexto é importante conhecer de forma básica como se dá o processo de produção desses alimentos cultivados pelo agricultor familiar no Gravatá.

Para a realização do cultivo da macaxeira, inicialmente é feito o preparo do solo, com uso de tratores agrícolas para fazer o corte da terra e, também os camaleões, onde serão plantados em covas rasas as manivas que, na verdade, é o caule da macaxeira cortado em pequenos pedaços, medindo mais ou menos 21cm. Geralmente a irrigação utilizada é por meio do uso de aspersão e de canhões, pois eles conseguem irrigar áreas mais amplas. Com relação ao tempo de colheita, isso vai de acordo com a variedade da macaxeira, a mais utilizada pelos agricultores locais leva 12 meses para ser colhida. Vale lembrar que esse tempo pode sofrer variações em virtude do manejo realizado ao longo de seu desenvolvimento, ou seja, a forma como essa cultura foi tratada.

O cultivo da Batata-doce é um pouco semelhante ao anterior, onde solo precisa ser preparado com uso de tratores e, após esta terra ser cortada é necessário mão de obra braçal para fazer os muros, eles são feitos manualmente na enxada, neles serão plantados os ramos que, por sua vez, tem origem de outras plantações de batata, sendo colocado um ramo em cada muro. A irrigação é realizada tanto por meio de aspersão quanto por meio de canhão. O tempo de colheita é de mais ou menos 3 a 4 meses, dependendo da variedade cultivada e dos tratamentos culturais.

Para cultivar o coentro, o agricultor faz o preparo do solo com uso de moto cultivadores e de serviço braçal, utilizando enxadas e chibancas, organizando a área em canteiros para fazer receber as sementes, após a semeadura é feita uma cobertura vegetal, para manter a umidade do solo e evitar a erosão dos canteiros. A irrigação mais comum é através de sistemas de micro aspersão e, em alguns casos, com uso manual de mangueiras. O tempo de colheita varia de acordo com a variedade utilizada, sendo de 30 a 40 dias.

O cultivo da alface tem o preparo do solo semelhante ao do coentro, já a implantação é bem diferente, inicialmente o agricultor faz a semeadura para a produção das mudas da alface, quando estas mudas estão no padrão correto são transplantadas para os canteiros, que em determinadas épocas do ano, onde as temperaturas são mais elevadas, é feita uma cobertura com barracas de palha cobrindo os canteiros, diminuindo assim os raios solares, que em contato direto com a planta pode prejudicar seu desenvolvimento. Com relação ao tempo de colheita, esse é de aproximadamente 35 dias, podendo sofrer variações de acordo com a variedade plantada.

Uma das dificuldades presente com relação ao cultivo de hortaliças, é que em épocas quentes e em períodos de chuvas, a realização do seu cultivo é bem mais difícil por conta da evapotranspiração da nossa região que é bem elevada, devido ao vapor ascendente do solo acaba prejudicando o desenvolvimento destas hortaliças.

3.3 PROCESSO DE COMERCIALIZAÇÃO: DOS ALIMENTOS DE ORIGEM DA AGRICULTURA FAMILIAR NO DISTRITO DE GRAVATÁ

Com relação à maneira como são comercializados os produtos cultivados pela agricultura familiar, é de grande relevância destacar todas as formas como é feita essa comercialização. Dentro desse contexto, o agricultor familiar dispõe de várias formas para vender sua produção, alguns vendem direto na feira livre, prática essa bem comum na área de estudo, outros vendem direto no campo para os feirantes locais, vendem para mercados e, tem

também aqueles que vendem para o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA, que de acordo com o MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL - MDS (2012), tal programa foi criado

Para o alcance desses dois objetivos, o programa compra alimentos produzidos pela agricultura familiar, com dispensa de licitação, e os destina às pessoas em situação de insegurança alimentar e nutricional e àquelas atendidas pela rede socioassistencial, pelos equipamentos públicos de segurança alimentar e nutricional e pela rede pública e filantrópica de ensino (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2012, p.1).

Esse programa, gerenciado pela CONAB, faz essa compra direto do agricultor familiar, dispensando todo processo burocrático, tornando-a mais prática para o homem do campo. Outra forma bem comum de comercialização no Distrito de Gravatá é a venda de alimentos nas feiras livres regionais.

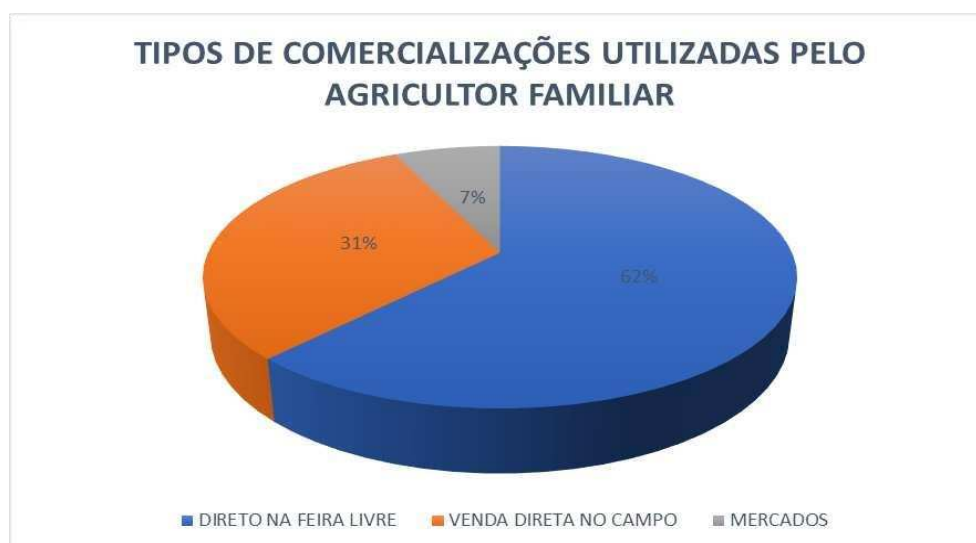
As feiras livres são uma prática bem comum relacionada à agricultura familiar, pois proporciona ao agricultor produzir e, ao mesmo tempo, comercializar os produtos de suas colheitas. De fato, é nas feiras livres que encontramos uma larga diversidade de produtos oriundos do campo, desta forma, esse método de comercialização acaba melhorando a renda familiar, pois o agricultor consegue uma precificação melhor de seus produtos, fazendo a venda direta ao consumidor final.

Para Pereira (*et al.*, 2022) a comercialização em feira livre é algo bem antigo,

Essa prática secular, presente tanto no interior, quanto nos grandes centros urbanos, se configura como um espaço de geração de renda para milhares de famílias, de experiências de convívio e coletividade, e tem resistido às formas hegemônicas de produção, trabalho, consumo, conhecimento e convivência (Pereira *et al.*, 2022, p.18).

A visão de feira livre apresentada pelo autor é encontrada em nosso campo de pesquisa, onde a agricultura familiar utiliza dela como principal fonte de renda. Diante da presença do agricultor/feirante, nesse meio de comércio informal, desenvolvem-se experiências pela maneira como é realizado a comercialização de seus produtos, fazendo-o criar laços de amizade com sua clientela.

Enquanto isso, o Distrito de Gravatá, se destaca justamente por essa conciliação de produção de hortaliças e leguminosas e sua respectiva comercialização nas feiras livres das cidades vizinhas. O gráfico 08 abaixo mostra a dinâmica existente entre o processo de produção e a comercialização dos alimentos de origem da agricultura familiar do Gravatá.

Gráfico 7 – Tipos de Comercializações Utilizadas Pelos Agricultores Familiares do Gravatá

Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

De acordo com os dados expostos, podemos observar que 62% dos agricultores que responderam nosso questionário vendem seus produtos direto nas feiras livres da região, enquanto 31% destes agricultores vendem sua produção direto no campo, ou seja, essa comercialização acontece entre os próprios agricultores e comerciantes locais, e apenas 7% destes destinam sua produção aos mercados da região.

Com base em nosso questionário destacamos no Gráfico 08 para onde são destinados esses alimentos oriundos da agricultura familiar presente no Distrito de Gravatá. Mais adiante iremos destacar os municípios que são abastecidos com esses alimentos produzidos em nosso campo de estudo, mostrando em loco como acontece essa dinâmica.

Gráfico 8 – Destino da Produção da Agricultura Familiar do Distrito de Gravatá, 2023

Fonte: Elaborado por Bruno Rodrigues Claudino, a partir de coleta de dados em campo, junho de 2023

Analisando os dados expostos, é possível enxergar muitos municípios que recebem os produtos de origem da agricultura familiar do Distrito de Gravatá. De acordo como o gráfico são nove municípios, sendo que a cidade de Sousa recebe 34% desses feirantes; a cidade de Cajazeiras recebe 25% desses agricultores e comerciantes; 13% destes feirantes se destinam a cidade de Marizópolis; São João do Rio do Peixe conta com o abastecimento de 8% dessa produção; e a soma das demais cidades atendidas por essa produção foi de 4%. As imagens adiante mostram algumas feiras livres que visitamos em trabalhos de campo durante a pesquisa.

Imagem 19 – Feiras Livre da Cidade de Sousa-PB



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

As imagens destacadas são da feira livre na cidade de Sousa, que acontece aos sábados, fica localizada em um ponto estratégico, margeando o centro da cidade, que atrai comerciantes de diversos outros municípios.

Imagem 20 – Feira Livre da Cidade de Cajazeiras–PB



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

De acordo com a IMAGEM 20, podemos observar a feira livre na cidade de Cajazeiras, ela fica localizada no centro comercial, onde aos sábados acolhe os agricultores/feirantes que vem comercializar os alimentos cultivados em sua grande maioria pela agricultura familiar presente em nossa região.

Imagem 21 – Feira Livre de São João do Rio do Peixe–PB



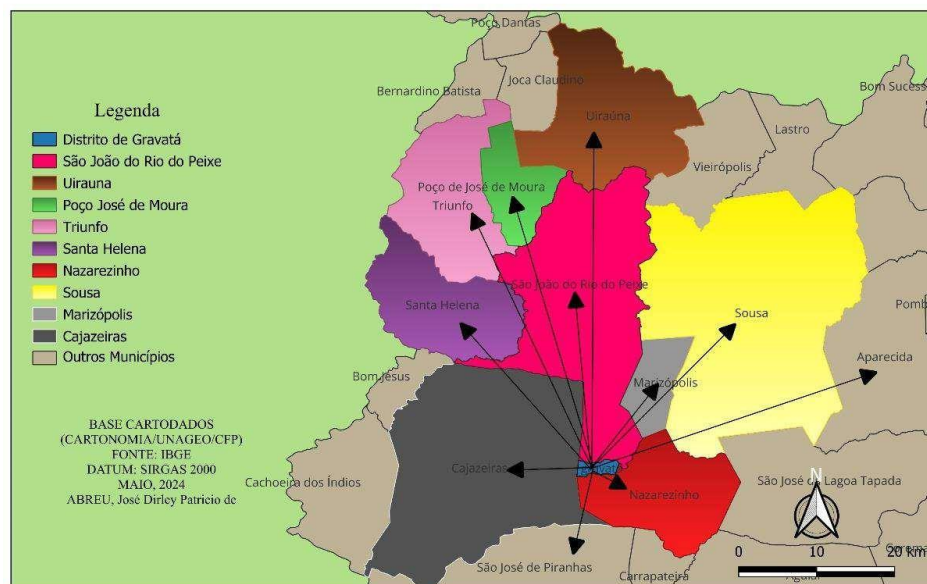
Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

As imagens expõem a feira livre na cidade de São João do Rio do Peixe, ela fica localizada nas proximidades do centro, conta com uma estrutura padronizada de barracas, que foram distribuídas através de um projeto do Banco do Brasil.

Para entendermos um pouco mais dessa dinâmica de circulação da produção da agricultura familiar do Gravatá nas feiras livres e outros mercados da região construímos o MAPA 8, abaixo.

Mapa 8 – Fluxo da Produção Agrícola do Distrito de Gravatá

Mapa de fluxo da produção agrícola do Distrito de Gravatá



Fonte: Elaboração cartográfica, Bruno Rodrigues Claudino, 2023

Como podemos observar no Mapa 08 a produção de alimentos cultivados no Distrito de Gravatá atende uma grande quantidade de municípios da região, e como já identificamos durante a pesquisa, em relato com os produtores, a grande maioria desses produtos são comercializados nas feiras livres e mercados das cidades acima citadas. Diante dessas informações vale salientar a importância da agricultura familiar na produção dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros.

Com relação a forma como esses produtos são transportados até seu destino, também conseguimos junto aos agricultores a maneira como é feito o transporte, como mostra o GRÁFICO 9 a seguir.

Gráfico 9 – Transporte Utilizado na Transposição de Produção Agrícola. Gravatá, SJRP.



Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

De acordo com o GRÁFICO 9, podemos observar que 63% dos agricultores disponibilizam transporte próprio para transportar suas mercadorias até a feira livre ou mercado. De acordo com o AGF-08 “*antigamente as coisas eram mais difíceis, quando tínhamos que ir para as feiras em cima de um caminhão levando chuva e sol, mas graças a deus as coisas melhoraram e consegui comprar um carrinho pra eu ir pra minha feira toda semana*”. Logo 20% desses agricultores responderam que usam outros meios para levar os seus produtos, ou seja, este número representa aqueles agricultores que vendem seus produtos direto no campo, desta forma não conseguem explicar como o produto chega ao local destinado, como relata o AGF-15 “*eu vendo para muitos feirantes alguns sei que tem carro próprio outros não, daí não sei explicar como essas mercadorias chega até a feira*”. Já os 17% restantes não têm transporte próprio e pagam fretes ou passagens para se deslocarem até o local destinado, que são as feiras livres da região.

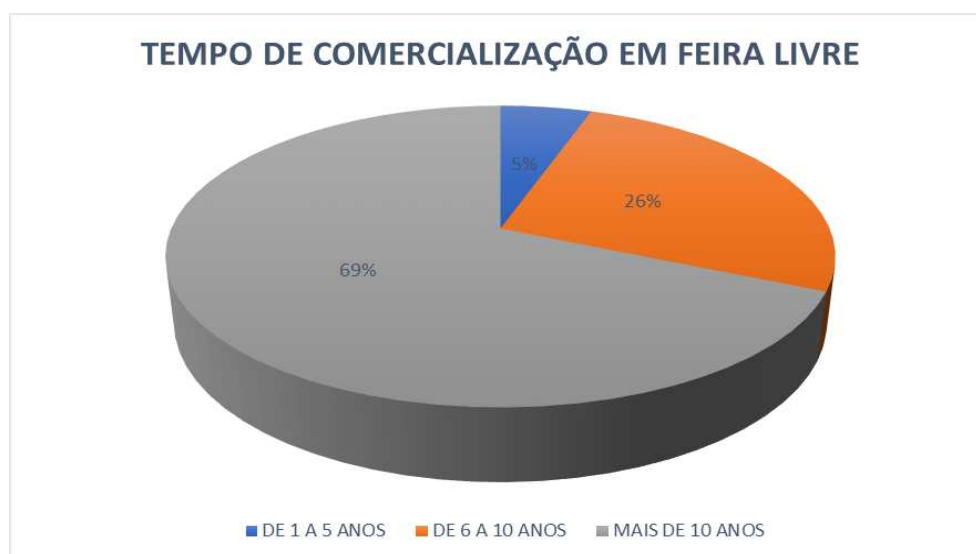
Perguntamos aos agricultores que comercializam seus produtos nas feiras livres, a quantidade de feira que eles frequentam por semana, o GRÁFICO 10 abaixo mostra essa realidade vivenciada em nossa pesquisa de campo.

Gráfico 10 – Presença Nas Feiras Livres Regionais

Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

Assim como destaca o GRÁFICO 10, 58% desses agricultores e feirantes frequentam apenas uma feira livre por semana, já aqueles que frequentam de 2 a 3 feiras livres por semana representam 42% dessas pessoas. Como nos relatou o agricultor e feirante AGF-10 *“faço duas feiras por semana, faço a colheita e organizo as mercadorias que tenho na minha roça e compro as que eu não produzo aos outros agricultores, vou às feiras de sábado e domingo, isso porque sempre sobra mercadoria, daí faço um complemento de uma feira para outra e não tem desperdício”*.

Ainda trazendo essa relação que os agricultores familiares do distrito de Gravatá têm com essa dinâmica de produção e comercialização, buscamos saber há quanto tempo eles frequentam as feiras da região. Outro ponto importante que vale apenas ser destacado é conhecer como surgiu a ideia de comercializar em feiras livres, em nosso questionário levantamos essa questão e foi possível enxergar um pouco desta atividade bem comum em nossa área, campo de estudo, assim como mostrar no GRÁFICO 11 adiante.

Gráfico 11 – Tempo de Comercialização em Feira Livre

Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

De acordo com o GRÁFICO 11, 69% desses feirantes já estão nessa atividade há mais de 10 anos; aqueles que responderam que estão de 6 a 10 anos representam 26% dessas pessoas; por fim, aqueles feirantes que estão nessa função de 1 a 5 anos, representam apenas 5% dos agricultores locais. Fato importante é que, de acordo com os agricultores que foram entrevistados, essa forma de produzir e comercializar, em sua grande maioria, surge de seus avós e de seus pais. Dentro deste contexto é possível enxergar a presença da agricultura familiar, que proporciona o aprendizado aos seus sucessores, ou seja, o legado vai sendo passado de geração a geração, como destacou AGF-16 *“desde pequeno via minha vó colhendo as verduras na roça para levar a feira, meu pai também sempre trabalhou na roça e cresci vendo ele fazendo isso, e hoje estou fazendo aquilo que aprendi com minha vó e meu pai, eu vivo da agricultura planto e vendo na feira”*.

Com base nos estudos realizados por Ribeiro (2007), relacionado a agricultura familiar com a dinâmica do comércio de seus produtos, logo destacam-se as feiras livres que, para Ribeiro (2007):

são mais que pontos de comercialização da agricultura familiar. Pois nelas circulam bens culturais e pessoais, além de pontos de vendas que são entrelaçados entre a economia e a cultura, são retratos totais dessas sociedades rurais, são lugares de encontro e articulação política, são espaços vitais para muitos agricultores (Ribeiro, 2007, p. 86).

Segundo Ribeiro (2007), as feiras livres são componentes essenciais na vida de municípios rurais e dos agricultores que os abastecem. O autor ainda destaca que essas feiras

possuem sempre características marcadamente locais, associadas à cultura e às relações dessas comunidades.

Trazendo esse conceito de feira livre para uma escala menor, nos deparamos com o cotidiano da nossa área de pesquisa, que tem a feira livre como a principal ferramenta de comércio associada à agricultura familiar local. No Distrito de Gravatá está concentrada uma grande quantidade de agricultores familiares, que têm o costume de produzir e comercializar seus produtos nas feiras livres da nossa região, assim como mostrou o GRÁFICO 7. Sendo assim, podemos afirmar que essa prática vem passando de pai para filho, tornando-a a principal atividade econômica do campo de estudo.

No Brasil, a maior parte dos estudos sobre feiras livres foram feitos na região Nordeste. Os autores revelam que a participação frequente nas feiras livres das pequenas cidades faz parte de estratégias de reprodução de pequenos produtores, que as integram a outras atividades. Assim, a feira passa a complementar a renda, mas é necessário construir um bom nome diante do mercado, uma boa relação com vizinhos e consumidores. Por isso, ela expõe um retrato da sociedade rural.

3.4 CARACTERIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR NO DISTRITO DE GRAVATÁ.

Para aprofundar as questões relacionadas às características do agricultor familiar e de sua forma de vida da comunidade do Gravatá, analisamos neste subcapítulo questões dos questionários aplicados que acreditamos contribuir com esse tipo de análise. Uma das questões aplicadas mostra a quantidade de agricultores que se enquadram aos padrões da agricultura familiar, que de acordo com Formiga (2015).

A Agricultura familiar é uma atividade agrícola, que é exercida fundamentalmente no espaço rural, é definida pela relação entre família, trabalho e gestão. Tem como princípios a prática do trabalho realizado pela família e os equipamentos de trabalho que pertencer à família (Formiga, 2015, p. 22).

Assim como destacou Formiga (2015), buscamos em nosso campo de estudo fazer essa relação, trazendo dados que nos mostre a realidade das famílias de agricultores do Distrito de Gravatá, o GRÁFICO 12 a seguir mostra como está essa organização.

Gráfico 12 – Agricultores Inseridos na Agricultura Familiar do Distrito de Gravatá



Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

Como mostra o GRÁFICO 12, 70% das pessoas que responderam ao questionário se adequam aos critérios da agricultura familiar, ou seja, de algum modo, a família está presente na atividade agrícola; e 30% não estão dentro desses critérios da agricultura familiar, desta forma, produzem de forma independente sem a participação de parentes ou pessoas ligadas a entidade familiar.

Com relação ao número de pessoas em cada família de agricultores, o GRÁFICO 13 abaixo irá mostrar de forma detalhada como estão distribuídas.

Gráfico 13 – Número de Pessoas Por Família, no Distrito de Gravatá, SJRP.



Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

Os dados expostos no gráfico mostram a quantidade de pessoas distribuídas por famílias, vale lembrar que essa representação corresponde às famílias inseridas na agricultura familiar, desta forma 21 famílias são compostas de três a cinco pessoas representando 78%, na qual as famílias que têm acima de seis membros correspondem a 15% desses números e, por fim as famílias com até dois membros, são apenas duas que corresponde a 7% dessas entidades familiares.

Trazendo uma discussão mais aprofundada, com relação à participação dos membros da família nas atividades diárias do campo, perguntamos com que frequência a família ajuda na produção de hortaliças e legumes no Distrito de Gravatá, veja no GRÁFICO 14 abaixo.

Gráfico 14 – Colaboração da Família Nas Atividades Agrícolas, em Gravatá, SJRP.



Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

Assim como apresenta o GRÁFICO 14, 87% dos membros das famílias participam de alguma forma do processo de produção agrícola, e apenas 13% destes não contribuem com as atividades agrícolas. Assim como destacou o agricultor AGF-23 “*os meus filhos todos estudam, mas sempre nas horas vagas me ajudam nas lidas da roça, me ajudam a organizar a mercadoria para levar a feira e também me ajudam na feira livre*”.

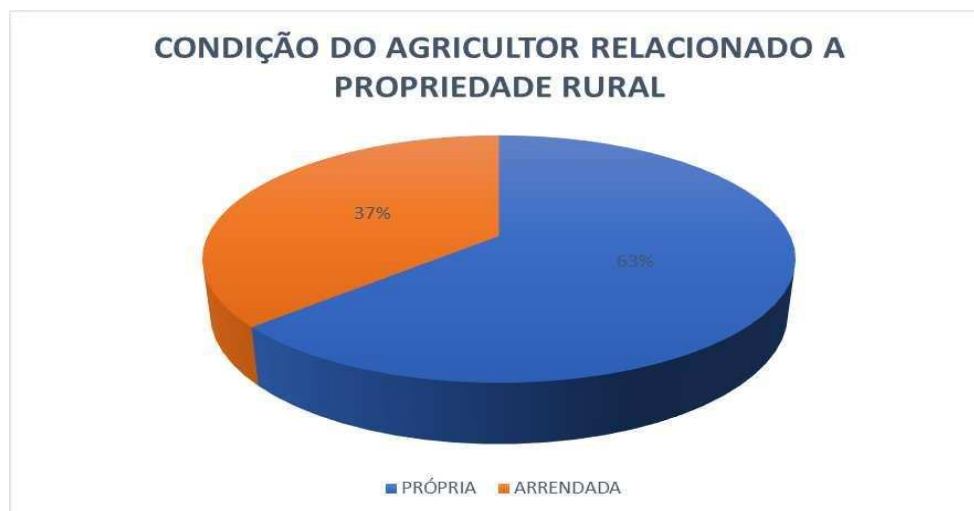
Outro fato importante que conseguimos com o nosso questionário, foi a questão da educação presente em nosso campo de estudo, ou seja, se os filhos desses agricultores frequentam ou frequentaram a escola, o gráfico abaixo irá destacar essa realidade.

Gráfico 15 – Famílias Com Acesso à Educação dos Filhos, no Distrito de Gravatá, SJRP

Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

Partindo dos dados mostrados no GRÁFICO 15, 90% destes frequentam ou frequentaram a escola, mostrando um bom resultado relacionado à educação, e apenas 10% destes não frequentam ou frequentaram a escola, de acordo com o AGF-25 *“Eu queria que meus filhos tivessem ido para escola, já que eu não tive essa oportunidade quando era criança, pois tinha que trabalhar e as coisas eram mais difíceis, mas eles tiveram a chance de estudar e não quiseram ir para escola”*. Dura realidade que ainda podemos encontrar tanto na zona rural quanto na zona urbana, pessoas que não frequentam a escola, pessoas que sequer sabem assinar o nome, mas cabe salientar que em todos os municípios têm programas que incentivam aos jovens e adultos a se alfabetizarem, como é o caso do EJA (Educação de Jovens e Adultos).

No que diz respeito à propriedade rural, identificamos em loco, em nossa coleta de dados, a condição do agricultor entrevistado relacionado à posse da terra, assim como mostra o GRÁFICO 16 a seguir.

Gráfico 16 – Condição do Agricultor Em Relação à Propriedade Rural. Gravatá, SJRP

Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

Com base nos dados expostos, podemos enxergar que 63% dos entrevistados têm a posse da terra, sendo proprietário de suas terras, o AGF-18 *“com muito esforço e trabalho eu consegui comprar minha terrinha, hoje planto minhas verduras no que é meu, consegui comprar trabalhando nas terras dos meus avós junto com meu pai e graças a deus hoje trabalho nas minhas terras”*.

Assim como o AGF-18, outros agricultores também conseguiram adquirir suas propriedades, o AGF 02 *“eu quando cheguei no Gravatá trabalhava nas terras dos outros, plantando de meia, mas graças a deus comecei indo pra feira, e hoje tenho meu pedaço de terra para cultivar minhas verduras, com muito esforço e trabalho hoje sou um vencedor”*.

Logo, 37% dos entrevistados são arrendatários ou meeiros, assim como é conhecido as pessoas que plantam em terras alheias, que pagam ao proprietário uma porcentagem do que é produzido, o AGF-09 *“eu não sou proprietário das terras que planto, mas meu irmão comprou uma quadra de terra e me deu para trabalhar, e graças a deus é de lá que tiro o meu sustento e da família desse pedaço de chão, eu planto vários tipos de verduras e levo pra vender na feira”*.

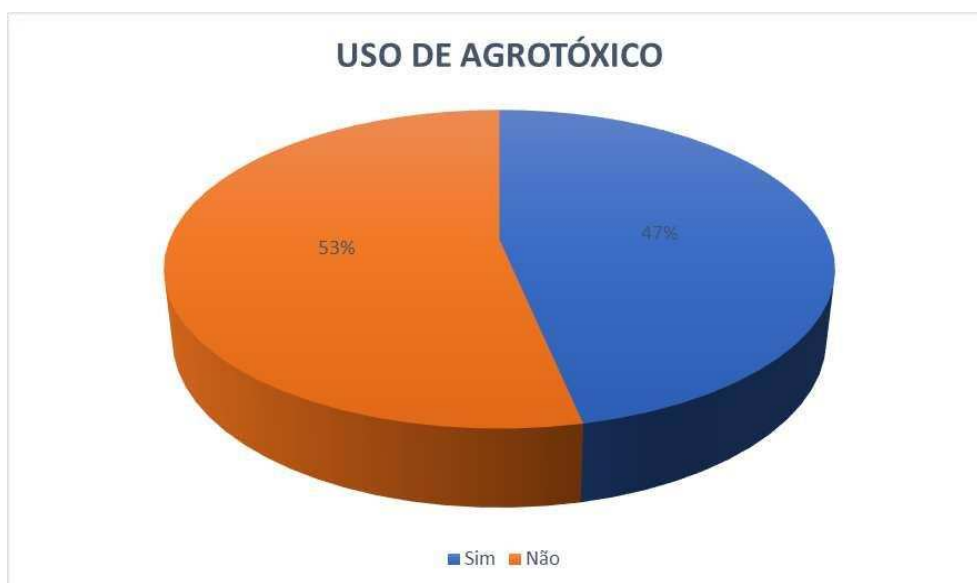
Com relação ao tamanho das áreas cultivadas na Terra de Verdura, e de acordo com a coleta de dados em campo iremos mostrar no gráfico a seguir como estão organizadas essas áreas, vale destacar que iremos usar a unidade de medida *“Tarefas”*, a forma como os agricultores locais definem o tamanho de suas propriedades.

Gráfico 17 – Área Utilizada Para Cultivo no Distrito de Gravatá

Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

Como destaca o GRÁFICO 17, os agricultores que utilizam de quatro a oito tarefas para o cultivo representam 57% dos entrevistados, já aqueles que fazem uso de uma área acima de oito tarefas são 20% dos entrevistados e, por fim, com 23% são os agricultores que utilizam entre uma e três tarefas para as suas plantações. Como destacou o AGF-20 “*as minhas terras são poucas, por isso as minhas plantações são pequenas, e planto mais verduras porque o tempo de colheita é rápido e já posso plantar outras culturas*”.

No que se refere a uma agricultura sustentável, questionamos aos entrevistados sobre o uso de agrotóxicos em suas plantações, como mostra o GRÁFICO 18 a seguir.

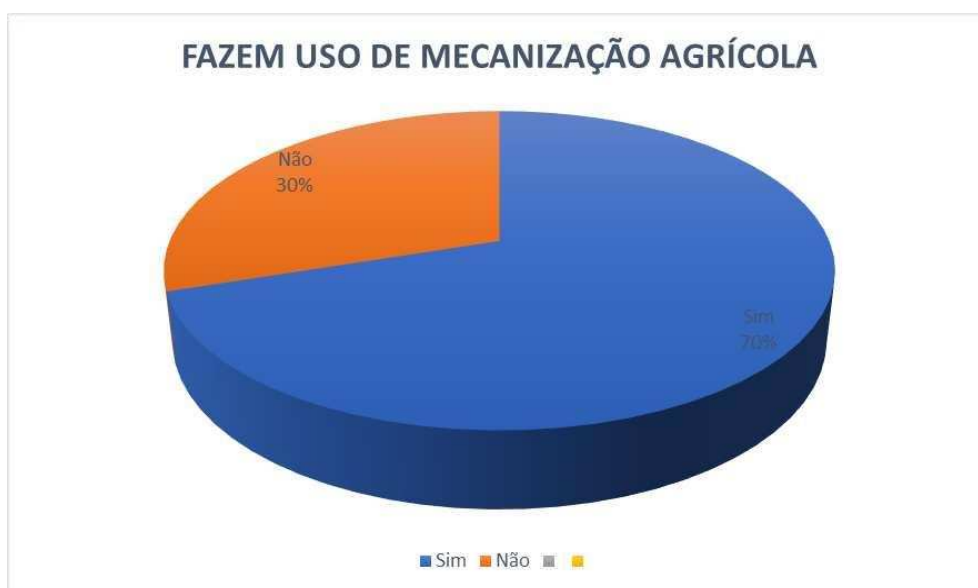
Gráfico 18 – Uso de Agrotóxico, no Distrito de Gravatá, SJRP.

Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

Partindo dos resultados expostos no gráfico, nota-se um certo equilíbrio relacionado ao uso de agrotóxico, sendo que 53% dos entrevistados não fazem uso de defensivos agrícolas, ou seja, não usam agrotóxicos em suas culturas. De acordo com o AGF-16, “*não uso nem um tipo de veneno em minhas plantações, porque contamina a terra e faz muito mal à saúde, porque o veneno fica por muito tempo presente na terra*”. Desta forma 47% dos entrevistados fazem uso de algum tipo de defensivo agrícola, ou seja, agrotóxico, de acordo com o AGF-13, “*eu uso veneno porque as minhas plantações são grandes, se não pulverizar não colhe nada, tem muita praga e tem que está sempre usando veneno, que seja para matar o mato dos coentros, lagartas e outras pragas que atacam a plantação*”.

Vale salientar que para a implantação de qualquer cultura é necessário o preparo do solo, sendo assim iremos destacar como é feita essa fase que antecede o plantio. O preparo é feito com uso de máquinas, e de forma manual com uso de enxadas e outros implementos agrícolas. O GRÁFICO 19 a seguir vai nos expor um pouco dessa realidade.

Gráfico 19 – Uso De Mecanização Agrícola, no Distrito de Gravatá, SJRP.



Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

Conforme mostra o GRÁFICO 19, 70% dos agricultores entrevistados fazem uso de algum tipo de máquina agrícola para lhes auxiliar no preparo do solo, sendo que apenas 30% destes não utilizam de máquinas nas suas atividades diárias no campo, fazendo assim uso de técnicas tradicionais, como é o caso do uso de enxadas, chibanca, foice entre outros implementos que dão suporte ao agricultor em seu cotidiano.

Assim como nos relatou o AGF-09 “*antes eu ajeitava a terra na enxada, daí eu vi um vídeo de mono cultivador na internet, ai me organizei e comprei, hoje consigo preparar a*

terra sem muito trabalho e muito mais fácil, me ajudou muito e consigo plantar em uma área maior e em pouco tempo de trabalho”. De acordo como relatou o AGF-09, a importância das novas técnicas presente na agricultura familiar facilita o processo produção, melhorando também a qualidade e a quantidade dele.

Imagem 22 – Motocultivador



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

A IMAGEM 22, mostra o motor cultivador, implemento agrícola utilizado no preparo do solo para o cultivo de hortaliças e legumes dentre outras culturas, equipamento agrícola de uso manual, que substitui o arado, equipamento agrícola de tração animal bem antigo, tornando assim mais prático o preparo do solo.

Diante da questão do uso de máquinas pelos agricultores entrevistados foi destacado acima que 70% destes fazem uso de algum tipo, em nosso questionário buscamos saber a quem pertence esses equipamentos ou máquinas presente em nosso campo de estudo, o GRÁFICO 20 abaixo mostra essa realidade.

Gráfico 20 – Equipamentos e Máquinas Agrícolas de Posse Do Agricultor

Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

Com base nos dados coletados em campo, o GRÁFICO 20 mostra que 60% destes equipamentos não pertencem ao agricultor, ou seja, essa grande maioria quando precisa de algum tipo de máquina tem que pagar pelo seu uso. Cabe ressaltar que em determinada época do ano, a prefeitura disponibiliza patrulha de tratores para atender a demanda dos agricultores de forma gratuita, como já foi destacado anteriormente. Por fim, apenas 40% destes agricultores são proprietários, ou seja, donos de seus implementos ou máquinas agrícolas. Dentre os implementos presentes em nossa área de pesquisa encontramos, mono cultivador, roçadeira a gasolina, pulverizador e motosserra, entre outros disponíveis.

Em meio às questões propostas aos entrevistados, buscamos saber um pouco da realidade presente em seu dia a dia, nela questionamos se existe algum ou alguns problemas que dificultam a dinâmica de produção e comercialização ali presente. Segundo o AGF-01 “o primeiro é justamente a insegurança com relação à água, porque dependemos do Rio Piranhas que recebe água do açude de Boqueirão e, frequentemente vem faltando água no rio, fazendo a gente perder muitas lavouras, outro problema é a questão dos insetos que atacam as plantações e temos que gastar com veneno e deixando mais caro a produção, e na hora de vender em alguns casos não consigo um bom preço”. Já o agricultor AGF-04 “às vezes tenho problema com relação à comercialização, porque quando tem muita verdura é mais difícil de vender, e quando tem pouca as pessoas se recusam a pagar um preço justo”, de acordo como nos respondeu o AGF-17 “Eu planto minhas verduras e não uso nem um tipo de veneno, dá muito trabalho, porém quando chego na feira não consigo um preço justo pelos

meus produtos”. O AGF-09 “*Antes eu vendia minhas verduras direto na roça, mas fui percebendo que o preço que os compradores pagavam não era justo, a partir daí comecei ir para a feira e passei a ver o real valor dos meus produtos, vejo como problema a questão do preço direto na roça*”. Ainda de acordo com ele, “*Em alguns meses do ano é mais difícil de produzir, principalmente por conta das altas temperaturas, fazendo com que as verduras não brotem da maneira que deveria ser, causando prejuízos, tanto com as sementes e mudas, quanto com a mão de obra*”.

Com base nos relatos expostos pelos agricultores, onde foram expostas algumas dificuldades presente em nosso campo de estudo, vale lembrar que seria de grande importância que o poder público junto com o Sindicato de Agricultores do município e Associações locais buscassem uma nova forma de comercialização, que pudesse pagar um preço justo, além de comportar um volume maior de produção para dar suporte aos agricultores familiares locais. De acordo com o AGF-16 “*aqui no Gravatá tem alguns agricultores que vendem para o PAA, mas seria bom se todos tivessem acesso a esse programa*”. Como estamos falando de uma região que tem um ótimo potencial produtivo, seria de grande relevância a criação de uma Cooperativa que possa buscar novos comércios desta forma comercializar toda a produção excedente e descobrir novos destinos para os alimentos que são cultivados na terra da verdura, abrindo novos horizontes para a comercialização de hortaliças e leguminosas.

De acordo com Cardoso (2014),

A cooperativa é, então, um meio para que um determinado grupo de indivíduos atinja objetivos específicos, por meio de um acordo voluntário para cooperação recíproca, o que podemos chamar de finalidade (Cardoso, 2014, p. 10).

Segundo Cardoso (2014), essa finalidade é disponibilizar os produtos e serviços de seus cooperados no mercado, buscando um mercado mais competitivo e vantajoso. Sendo assim, podemos compreender que a cooperativa é como uma empresa que presta serviços aos seus cooperados, como exemplo podemos fazer uma comparação usando nosso campo de estudo, se os agricultores familiares locais resolvem criar uma cooperativa a mesma teria como finalidade conseguir mercado para a produção local, buscando melhores preços e até mesmo um comércio com uma demanda maior, tornando assim uma região de comércio mais competitivo e conseqüentemente atrair tanto compradores, como também incentivar a produção agrícola da região.

3.5 PROGRAMAS DE ASSISTÊNCIA AO AGRICULTOR FAMILIAR PRESENTE NO DISTRITO DE GRAVATÁ

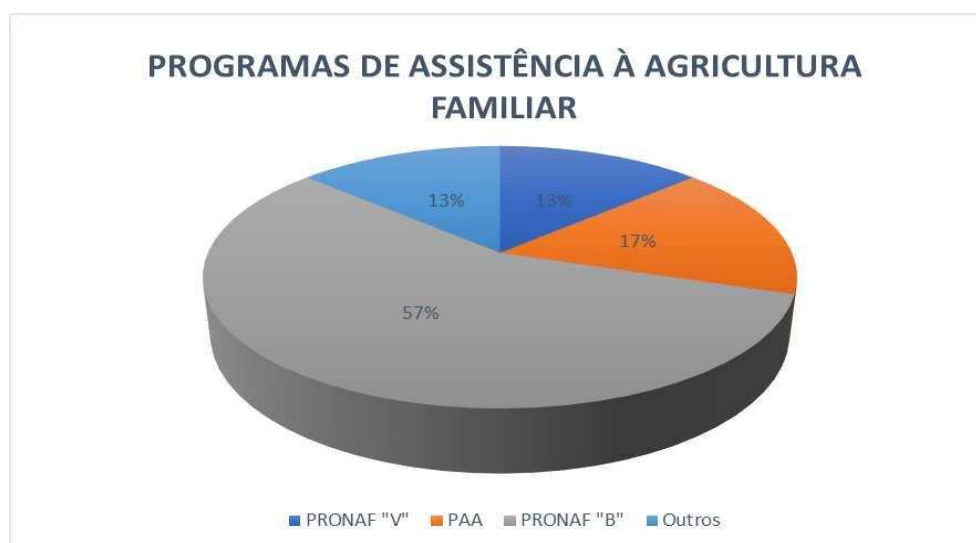
Partindo deste contexto, incluímos em nosso questionário um item que buscava entender a condição dos entrevistados com relação a esses programas de assistência à agricultura familiar presente em nosso campo de estudo, o gráfico 21 abaixo irá mostrar um pouco dessa realidade.

Gráfico 21 – Famílias Integradas aos Programas de Assistência ao Agricultor Familiar



Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

Partindo de nossa coleta de dados, o gráfico 21 mostra que 87% dos entrevistados estão inseridos em algum tipo de programa governamental de assistência à agricultura familiar, e apenas 13% destes não fazem uso destes programas. Dentre esses programas foram citados em nosso campo, o PRONAF, PAA e AGROAMIGO. Esses são os programas que auxiliam os produtores rurais do Distrito de Gravatá. No GRÁFICO 22 mais adiante iremos mostrar em loco como estão distribuídos esses agricultores com relação aos programas de governo.

Gráfico 22 – Programas De Assistência à Agricultura Familiar

Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

Diante dos resultados expostos no GRÁFICO 22, percebemos que 57% dos entrevistados usam o programa de microcrédito rural, o AGROAMIGO. São agricultores que se enquadram nos critérios do PRONAF “B”, enquanto 14% destes agricultores entrevistados estão inseridos no PRONAF Variável, tendo acesso a um tipo de crédito de valores maiores. Sendo que 17% dos nossos entrevistados participam do programa PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) disponibilizado pela CONAB; e o restante, representado por 13%, participam de outros programas.

De acordo com os dados coletados em campo é de grande importância conhecer um pouco como funciona alguns destes programas de assistência a agricultura familiar, como é o caso da PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) que de acordo com a Cartilha do PRONAF (2022-2023),

Esse programa é uma conquista do movimento sindical que cobrava por uma política pública para financiar as atividades do agricultor familiar com taxas de juros diferenciadas [...] e seu principal objetivo é o desenvolvimento da vida do agricultor familiar, com a geração de trabalho e renda (PRONAF, 2022-2023, p.13).

Com base no que foi exposto acima, esse programa tem como finalidade disponibilizar diversas linhas de financiamentos para dar suporte ao agricultor familiar em suas atividades agrícolas, proporcionando uma boa qualidade de vida e possibilitando que o agricultor evolua com suas atividades rurais. Para ter acesso a este programa precisa ser agricultor familiar ou produtor rural, portar um documento denominado de CAF (Carteira Nacional da Agricultura

Familiar), que identifica e qualifica a unidade familiar agrária, se tornando a nova identificação do agricultor familiar, que antes era conhecida como DAP (Documento de Aptidão ao Pronaf), hoje sendo substituído pelo CAF, que é requisito para o acesso às políticas públicas de assistência a agricultura familiar.

Com relação ao PAA, programa este desenvolvido pela CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento, que tem como objetivo incentivar à agricultura familiar, promovendo mais inclusão econômica e social no campo, estimulando a produção de maneira sustentável, valorizando a produção e o consumo dos alimentos de origem familiar, destinando esses alimentos para as pessoas em situação de insegurança alimentar.

Entre as questões aplicadas junto aos agricultores do Gravatá, buscamos saber o que veio a mudar no cotidiano dos entrevistados com o acesso a esses programas e políticas de Governo, buscando compreender assim quais as contribuições deixadas por estes programas de assistência à agricultura familiar em nosso campo de estudo, como mostra o GRÁFICO 23 a seguir.

Gráfico 23 – Melhorias no Campo por Meio das Políticas de Governo



Fonte: Elaborado pelo autor, com base na coleta de dados em campo, junho de 2023

Como mostra o GRÁFICO 23, 87% dos nossos entrevistados disseram que sim, ou seja, todos aqueles que tiveram acesso ao crédito rural, tiveram melhorias em suas propriedades, e disseram que as coisas melhoraram depois que começaram a ter acesso a estes programas; e apenas 13% dos entrevistados nos responderam não, pois os mesmos não participam de nem um tipo de programa de assistência à agricultura familiar. De acordo com o AGF-05 “*depois que comecei a fazer empréstimos pelo Agroamigo, consegui equipar toda a*

minha terra com sistemas de micro, consegui comprar umas vaquinhas e melhorou muito pra nós”. O AGF-07 “eu faço empréstimo pelo agroamigo também vendo meu produtos para o PAA, o preço é bem melhor que vender aqui direto na roça, são coisas boas que veio para melhorar a nossa vida no campo”. Já o AGF-16 “eu nunca fiz empréstimo e nunca vendi minha verduras para esses programas, vendo apenas na feira e quando tem muita verdura na roça vendo para alguns feirantes, e dá para viver bem, graças a deus”.

Com base em nossa ida a campo foi possível constatar algumas melhorias ali presente, que para muitos só foi viável através de políticas públicas voltadas para a agricultura familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de nossa pesquisa foi possível enxergar que o município de São João do Rio do Peixe dispõe de um grande potencial produtivo relacionado à agricultura familiar. Por se tratar de um município que disponibiliza de uma ampla área rural, favorável à prática agrícola, tem assim a sua importância para a economia local. O Distrito de Gravatá representa de forma significativa parte do setor econômico do município, se destacando com a produção de frutas, hortaliças e legumes.

Diante de nossa pesquisa, conseguimos observar que o Distrito de Gravatá dispõe de boa estrutura física e que a sua principal fonte de renda é a agricultura familiar, que de forma organizada consegue proporcionar uma boa qualidade de vida para os agricultores que ali residem. Com base em nossa coleta de dados foi possível enxergar que o nosso campo de pesquisa, ou seja, “A terra da verdura” disponibiliza de uma vasta área com solos agricultáveis e de recursos hídricos em abundância, isso por terem o privilégio de estarem margeando o Rio Piranhas.

Constatamos em campo a falta de assistência técnica para auxiliar nos meios de produção agrícolas e, mesmo assim, os agricultores familiares e produtores rurais ali presentes conseguem, de forma organizada, produzir com qualidade. Um fato interessante é que esses agricultores cultivam através do conhecimento adquirido com seus pais e avós, ou seja, passado geração em geração.

Enfim, o Distrito de Gravatá é destaque na região por ser um dos maiores produtores de hortaliças (verduras) e legumes, de acordo como os números expostos neste trabalho, considerando que toda essa produção está vinculada à agricultura familiar, com relação à produção, identificamos que a alface, coentro, macaxeira e batata-doce são os alimentos que têm uma maior produção comparada aos demais alimentos.

Diante de nossa coleta de dados foi possível compreender ainda como funciona a comercialização destes alimentos oriundos da agricultura familiar, sendo que as feiras livres regionais são o seu principal destino, tornando assim uma das principais fontes de renda dos agricultores locais.

Vale ressaltar que objetivo de nossa pesquisa foi de buscar as características do agricultor familiar do Distrito de Gravatá e seus meios de produção e comercialização, colhendo informações que até o momento nunca foram divulgadas, e tornando visível o nosso campo de pesquisa, trazendo números que nos mostre o seu potencial produtivo, e com essa pesquisa, conseguimos expor este potencial tanto de forma quantitativa quanto de qualitativa,

destacando todos os alimentos que ali são cultivados e dando destaque àqueles que tem uma produção maior.

Embora tenhamos nos deparado com algumas dificuldades expostas pelos entrevistados, relacionadas à falta de assistência técnica, a maneira como funcionam as associações locais e a irregularidade com relação à disponibilidade de água, que segundo alguns agricultores vem causando uma certa preocupação, em virtude a forma como essa água está sendo distribuída.

A ida a campo, nos possibilitou conhecer um pouco da realidade vivenciada na “terra da verdura”, onde tudo que se planta em seus solos férteis são colhidos, a forma como são realizados os manejos para o cultivo dos alimentos; os cuidados desde o plantio até a colheita; a colheita e o preparo dos produtos para serem comercializados nas feiras, e como que esses produtos chegam até o consumidor final.

Acreditamos que com a realização desta pesquisa, encontramos os nossos objetivos, que é justamente disponibilizar informações que outrora esteve ausente, e agora passa a existir. Enquanto isso, podemos levar ao conhecimento do público essa realidade existente no Distrito de Gravatá, como também mostrar a força que tem a agricultura familiar no município de São João do Rio do Peixe, e sem falar que foi uma experiência a parte, esse diálogo em campo com os agricultores locais, conhecendo de perto as particularidades de cada um desses agricultores, algo muito gratificante para nós. Outro ponto que constatamos em campo, foi a presença de programas de assistência à agricultura familiar, que vem proporcionando uma melhora significativa na vida destes trabalhadores, facilitando aos agricultores a aquisição de implementos agrícolas como tantos outros benefícios.

Por fim, estamos certos de que as nossas metas foram alcançadas, buscando em loco investigar a comunidade de Gravatá, onde conseguimos caracterizar a agricultura familiar ali presente, trazendo informações importantes que nos possibilitaram uma visão mais ampla de como funciona essa agricultura familiar na comunidade de Gravatá, com um olhar voltado para a geografia agrária e questões relacionadas a sua dinâmica de produção e comercialização.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. (Org.). Novas tecnologias para o financiamento da agricultura familiar. **Valor Econômico**, Brasília–DF, 15 jan. 2008b.
- ABRAMOVAY, R.; PIKETTY, M.G. Política de crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF): resultados e limites da experiência brasileira nos anos 90. **Cadernos de Ciências e Tecnologias**. Brasília–DF, v.22, n.1, p. 53-56, jan./abr. 2005.
- ALTAFIN, Iara. Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar. Texto trabalhado durante o 3º Módulo de Curso Regional de Formação Político Sindical da região Nordeste/2007
- ALVES, Eliseu. Carta da agricultura, Agricultura familiar. Revista de política agrícola. Ano XV – Nº 4 – out./nov./dez. 2006
- ANDRADE, Manoel Correia. A terra e o homem no Nordeste: contribuições ao estudo da questão agrária no Nordeste. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- BRAGA, João Roberto Dantas. Estação ferroviária de São João do Rio do Peixe-PB, antigas e novas funções. 2023. 42f. Monografia (Licenciatura em Geografia) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2023.
- CARDOSO, Univaldo Coelho; CARNEIRO Vânia Lúcia Nogueira; RODRIGUES Edna Rabelo Quirino. **Cooperativa** – Brasília: Sebrae, 2014. 62.:il.
- DATALUTA Brasil, do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (NERA)
- Estatuto da Terra. LEI Nº 4.504. Presidência da República. Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos nos termos do inciso II, do artigo 4º da Lei nº 4.504/64, p, 51, 30 de novembro de 1964.
- FETAEP, Federação dos trabalhadores rurais agricultores familiares do Estado do Paraná. Cartilha do Pronaf 2022/23. Gráfica Graciosa, tiragem 5000. Curitiba-PR.
- FORMIGA, Nayara Vieira. Organização do espaço e agricultura familiar na comunidade de Várzea Comprida dos Oliveiras no município de Pombal - PB. / Nayara Vieira Formiga. Cajazeiras, 2015.
- <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/08/mario-sergio-cortella-nao-basta-ter-informacao-e-preciso-saber-o-que-fazer-com-ela.html>
- <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/cultivos/cana/producao/manejo/irrigacao>. Acessado em: 06/09/2023
- <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/73613704/sistema-de-producao-auxilia-produtores-de-mandioca-do-semiarido-com-dados-tecnicos-sobre-a-cultura> 08/08/2023
- <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/82048881/agricultores-familiares-produzem-hortalicas-no-canal-do-sertao-em-alagoas>. Acessado em: 07/08/2023

<https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/inclusao-productiva-rural/paa> 14/08/2023

https://www.gov.br/sudene/pt-br/centrais-de-conteudo/8-relatoriometodologia_semiarido2021_v9_versaodefinitiva__1. acessado 10/05/2023

<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/sao-joao-do-rio-do-peixe.html?> 14/08/2023

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9117-producao-agricola-municipal-culturas-temporarias-e-permanentes.html> 17/08/2023

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 7ª. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MORAIS, Klynsmann Herbert de Carvalho, Apogeu e declínio do projeto “Batistas paraibanos” saneamento básico e sistemas de irrigação por meio de canais no Distrito de Gravatá, São João do Rio do Peixe - PB, 2018.

PEREIRA, Samanta Borges; BRITO, Tayrine Parreira; PEREIRA, Viviane Guimarães. Feira-livre como experiência de Bem Viver: uma expressão pulsante das resistências cotidianas. Percursos, Florianópolis, v.23, n.53, p. 180 - 210, set./dez. 2022.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães. Feiras do Jequitinhonha – Mercados, Cultura e Trabalho de Famílias Rurais no Semiárido de Minas Gerais. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil- Universidade Federal de Lavras, 2007.

SANTOS, Milton. Por uma nova geografia: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 4ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 1996. 236p.

SUDENE, Relatório Metodologia _ Semiárido 2021_V9 Versão Definitiva. Atualizado em 22/02/2022.

TEIXEIRA, Wilson. Decifrando a Terra, [et al] - São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008. 557 p.: il. Color

VASCONCELLOS, Morôni Azevedo. Grilagem de terras, Revistas Infoescola Ed. 2020.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O campesinato brasileiro uma história de resistência. Revista de economia e sociologia rural. Universidade Federal de Pernambuco, PPGS, Pernambuco, Brasil, 2014

APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadro de apresentação de dados da agricultura familiar no Distrito de Gravatá, SJRP.

AGRICULTOR FAMILIAR – GRAVATÁ			AGRICULTOR FAMILIAR – ROÇA GRANDE		
ID/AGF	ALIMENTOS CULTIVADOS/ ÁREA DE CULTIVO	TIPO DE COMERCIALIZAÇÃO/ DESTINO	ID/AGF	ALIMENTOS CULTIVADOS/ ÁREA DE CULTIVO	TIPO DE COMERCIALIZAÇÃO/ DESTINO
AGF 01	Milho, feijão, batata, abóbora, coentro, alface. Área 8 Tarefas irrigadas	Venda direta no campo.	AGF 16	Alface, coentro, cebolinha, milho e feijão. Área de 4 tarefas	Em feira livre. Na cidade de Sousa-PB.
AGF 02	Coentro, cebolinha, manga, acerola, limão. Área de 4 tarefas	Venda direto no campo.	AGF 17	Alface, coentro, cebolinha, rúcula, macaxeira e tomate cereja. Área de 2 Tarefas	Em feira livre e PAA. Na cidade de Sousa-PB.
AGF 03	Macaxeira, coentro, cebolinha e limão. Área de 3,5 Tarefas	Em feira livre. São João do Rio do Peixe e Sousa.	AGF 18	Coentro, cebolinha e milho. Área de 4 Tarefas	Venda direto no campo e PAA
AGF 04	Coentro, cebolinha, limão, mamão, banana e pimenta de cheiro. Área de 4 Tarefas	Em feira livre. Cajazeiras	AGF 19	Alface, coentro, macaxeira e banana. Área de 5,5 Tarefas	Em feira livre e venda direto no campo. Na cidade de Nazarezinho-PB.
AGF 05	Macaxeira, batata doce, milho e feijão. Área de 4 Tarefas	Venda direta no campo, PAA e PNAE	AGF 20	Maracujá, alface, coentro, pimentão, pimenta de cheiro, feijão e abóbora. Área de 4 Tarefas	Em feira livre. Na cidade de Uiraúna-PB.
AGF 06	Coentro, alface, cebolinha, pimentão, pimenta de cheiro, limão e couve. Área de 2 Tarefas	Venda direto no campo e PAA	AGF 21	Banana. Coentro, cebolinha e alface. Área de 6 Tarefas	Em feira livre. Na cidade de Cajazeiras-PB
AGF 07	Macaxeira, pimentão, banana, alface e coentro. Área 12 Tarefas.	Em feira livre e venda direto no campo. Na cidade de São João do Rio do Peixe-PB.	AGF 22	Coentro, alface, cebolinha, pimentão e couve. Área de 3,3 Tarefas	Em feira livre e PAA. Na cidade de Cajazeiras-PB.

AGF 08	Macaxeira, batata doce, coentro, alface, pimentão, feijão. Área de 6 Tarefas.	Em feira livre. Na cidade de Sousa-PB	AGF 23	Coentro, alface e pimentão. Área de 3 Tarefas	Em feira livre. Na cidade de Marizópolis-PB
AGF 09	Coentro, alface, quiabo, repolho, pimentão e pimenta de cheiro. Área de 6 Tarefas.	Em feira livre. Na cidade de Sousa-PB.	AGF 24	Coentro, alface, cebolinha e pimentão. Área de 3 Tarefas	Em feira livre. Na cidade de Marizópolis-PB
AGF 10	Macaxeira, banana, milho, feijão e abóbora. Área de 10 Tarefas	Venda direto no campo.	AGF 25	Macaxeira e feijão. Área de 10 Tarefas	Venda direto no campo.
AGF 11	Macaxeira, coentro, alface, cebolinha, pimentão, pimenta de cheiro. Área de 18 Tarefas.	Em feira livre. Na cidade de Sousa-PB. E PAA	AGF 26	Batata doce, macaxeira e feijão. Área de 4 Tarefas	Venda direto no campo.
AGF 12	Macaxeira, alface, coentro, feijão e cebolinha. Área de 2 Tarefas	Em feira livre. Na cidade de Sousa-PB	AGF 27	Macaxeira, milho, feijão e coentro. Área de 4 Tarefas	Em feira livre. Na cidade de Marizópolis.
AGF 13	Feijão, maracujá, alface, coentro, quiabo e cebolinha. Área de 6 Tarefas	Venda direto no campo.	AGF 28	Coentro e macaxeira. Área de 6,5 ha	Venda direto para mercados. Na cidade de Cajazeiras-PB
AGF 14	Coentro, batata doce, macaxeira, cebolinha, couve e pimenta de cheiro. Área de 2 Tarefas	Em feira livre. Na cidade de Cajazeiras-PB	AGF 29	Banana, coentro, manga, macaxeira, batata doce. Área de 5 Tarefas	Em feira livre. Nas cidades de Triunfo e Santa Helena-PB
AGF 15	Maracujá, feijão e pimentão. Área de 3,3 Tarefas	Venda direto no campo.	AGF 30	Macaxeira, batata doce, coentro e banana. Área de 8 Tarefas	Em feira livre. Na cidade de Aparecida-PB

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

APÊNDICE B

Questões a serem discutida em campo, para levantamento de dados

Tema: Caracterização da agricultura familiar no Distrito de Gravatá em São João do Rio do Peixe-PB: Um olhar Geográfico.

Local de Pesquisa: Distrito de Gravatá/ São João do Rio do Peixe-PB

Público alvo: Agricultores integrados a agricultura familiar

Finalidade: Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia

Instituição: UFCG- Universidade Federal de Campina Grande

Graduando: Bruno Rodrigues Claudino

Orientador (a): Mara Edilara B. de Oliveira

QUESTÕES:

1. Você faz parte da Agricultura Familiar?

() sim () Não

2. A sua família é composta por quantos membros?

3. Os seus filhos frequentam a escola?

() Sim () Não

4. Os seus filhos ajudam na sua produção agrícola?

() Sim () Não

5. Com que frequência eles ajudam no meio produtivo?

6. A sua produção é orgânica?

() Sim () Não

7. Para cultivar seus produtos usa algum tipo de máquina ou algo do tipo para lhe auxiliar na produção?

() Sim () Não

8. Os equipamentos são de sua propriedade?

() Sim () Não

9. Você recebe algum tipo de assistência técnica para lhe auxiliar nas suas atividades agrícolas?

Sim Não

10. Se não, de onde veio o seu conhecimento para realização de tais atividades?

Do seu Pai Do seu Avô Aprendeu sozinho

11. Qual o tipo de irrigação que você utiliza na sua lavoura?

12. Participa de algum programa de assistência à Agricultura Familiar?

Sim Não

13. Se sim, qual o programa você está inserido?

PRONAF PAA AGROAMIGO PNAE

14. Qual a categoria do PRONAF você faz parte?

15. Esse ou esses programas contribuíram para alguma melhoria no seu dia-a-dia?

Sim Não

16. Com o auxílio desses programas, o que melhorou no seu cotidiano?

17. Com relação a área por você cultivada. Qual o tamanho da sua área de cultivo?

18. A terra que você cultiva é sua?

Sim Não

19. Quais os principais produtos cultivados?

20. Qual o principal destino de sua produção?

Vende direto na Feira Livre Vende para feirante .

21. Você é feirante?

Sim Não

22. Se sim, em qual município você comercializa seus produtos?

23. Como esses produtos são transportados até o seu destino?

Transporte próprio () Transporte de Frete () outros ()

24. Qual a quantidade de feiras que você frequenta por semana?

Uma () Duas () ou Três ()

25. A quanto tempo você comercializa seus produtos na feira-livre?

De 0 a 5 anos () De 5 a 10 anos () acima de 10 anos ()

26. De onde surgiu a ideia de comercializar os produtos cultivados por você nas feiras livres?

27. A agricultura familiar é sua principal fonte de renda?

() Sim () Não

28. Qual a importância da Agricultura familiar para você?

29. Na comunidade do Distrito de Gravatá você e sua família têm acesso a saúde de qualidade?

() Sim () Não ()

30. Na comunidade do Distrito de Gravatá você e sua família têm acesso a educação de qualidade?

() Sim () Não